



reorientação curricular do 6º ao 9º ano

# currículo em debate

**GOIÁS**

RELATOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

4

## **Governador do Estado de Goiás**

Alcides Rodrigues Filho

## **Secretária de Estado da Educação**

Milca Severino Pereira

## **Superintendente do Ensino Fundamental**

Isa Lourdes de Araújo Pitaluga

## **Gerente Técnico-Pedagógica do 6º ao 9º ano**

Maria Bernadete Barbosa Brito

## **Subgerente Reorientação Curricular**

Rosely Aparecida Wanderley Araújo

## **Grupo Gestor**

Maria Bernadete Barbosa Brito, Iêda Aparecida Alves, Márcia Aparecida Vieira Andrade, Rosely Aparecida Wanderley Araújo, Sônia Maria Domingos Fernandes

## **Assessoria Técnico-Pedagógica**

**Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC)**

**Coordenadora Geral:** Maria do Carmo Brant de Carvalho

**Coordenadora da área de Educação e Sistemas de Ensino:** Maria Estela Bergamim

**Coordenadora de Projeto:** Meyri Venci Chieffi

**Assessoria de Produção de Material:** Maria José Reginato Ribeiro

**Editoras:** Lídia Izcson de Carvalho, Marta Wolak Grosbaum

**Pedagogas:** Maria Beatriz Bittencourt Colella, Sonia Maria Rolfen Diaz da Silva Rosa

**Professores:** Adriano Vieira (Educação Física), Anna Josephina Dorsa Kuhn (Matemática), Antonio Aparecido Primo (História), Luiza Esmeralda Faustino (Língua Portuguesa), Margareth Artacho de Ayra Mendes (Ciências), Maria Terezinha Teles Guerra (Arte), Silas Martins Junqueira (Geografia)

## **Parceiros**

Docentes da UFG, UCG e UEG

Fundação Itaú Social

## **Comissão de sistematização e revisão de texto**

Adriane Álvaro Damascena, Arivaldo Alves Vila Real, Ana Christina de Pina Brandão, Fátima Alcídia Costa Mota, Maria José Reginato Ribeiro, Meyri Venci Chieffi, Neuracy Pereira Silva Borges, Pricila Ferreira de Souza, Rosely Aparecida Wanderley Araújo, Terezinha Luzia Barbosa

## **Revisão de texto**

Ana Christina de Pina Brandão, Arivaldo Alves Vila Real, Maria José Reginato Ribeiro, Neuracy Pereira Silva Borges, Rosely Aparecida Wanderley Araújo, Terezinha Luzia Barbosa

## **Equipe Pedagógica de execução do Projeto**

Adriane Álvaro Damascena, Ana Christina de Pina Brandão, Ana Maria Affonso Penna, Arivaldo Alves Vila Real, Arminda Maria de Freitas Santos, Coracy Cordeiro de Fátima Silva, Edson Borges da Silva, Eliana Walcácer Lima, Elizabeth Maria de Souza Barbosa, Eusa Reynaldo da Silva, Fátima Alcídia Costa Mota, Flávia Osório da Silva, Gláucia Santos do Carmo, Iêda Aparecida Alves, Ivani Rodrigues Prado, Janete Rodrigues da Silva, Marcella Maria da Silva Carmo, Márcia Aparecida Vieira Andrade, Margaret Maria de Melo, Maria Bernadete Barbosa Brito, Maria Iusa de Almeida Mendanha, Maria Luíza Brito Mota, Neuracy Pereira Silva Borges, Niransi Mary da Silva Rangel Carraro, Orley Olavo Filemon, Pricila Ferreira de Souza, Rosely Aparecida Wanderley Araújo, Silma Pereira do Nascimento Vieira, Sinvaldo Oliveira, Sônia Maria Domingos Fernandes, Terezinha Luzia Barbosa, Valteci Maria Ribeiro Falcão, Wilmar Alves da Silva

## **Equipe Técnica das Subsecretarias Regionais de Educação do Estado de Goiás**

Anápolis, Aparecida de Goiânia, Campos Belos, Catalão, Ceres, Formosa, Goianésia, Goiás, Goiatuba, Inhumas, Iporá, Itaberaí, Itapaci, Itapuranga, Itumbiara, Jataí, Jussara, Luziânia, Metropolitana, Minaçu, Mineiros, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Piracanjuba, Piranhas, Pires do Rio, Planaltina de Goiás, Porangatu, Posse, Quirinópolis, Rio Verde, Rubiataba, Santa Helena de Goiás, São Luís de Montes Belos, São Miguel do Araguaia, Silvânia, Trindade, Uruaçu

## **Equipes escolares**

Diretores, secretários, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade

## **Digitadores**

Poliane Pereira dos Santos Daniel, Rafael Urbano Rodrigues, Rodolfo Urbano Rodrigues

## **Organização gráfica**

Rodolfo Urbano Rodrigues

## **Projeto gráfico**

Jennifer Abram Meyer

reorientação curricular do 6º ao 9º ano

# currículo em debate

RELATOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS



GOIÂNIA, 2006

SEE  
SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO



## Sumário

### Relatos de Práticas Pedagógicas

**Apresentação** 04

**Direito à educação, currículo e ensino: uma teorização sobre as práticas pedagógicas em Goiás.** 06

Gilda Cardoso de Araújo

**Os relatos de prática e sua importância no processo de produção e socialização do conhecimento** 09

Dileta Delmanto e Luiza Esmeralda Faustini

### RELATOS DE PRÁTICAS

**Combatendo o fracasso escolar: as escolas em ação** 14

Lídia Izcson de Carvalho e Marta Wolak Grosbaum

#### Arte

**Projeto Arte com Cartões Telefônicos** 21

Maria de Fátima da Silva Marçal

**Ensino de Arte – Uma atividade em busca de Novos Sentidos** 23

Edna Goya

#### Ciências

**Projeto Cerrado** 26

Ozuleuda de Paula Felipe Lopes

**Cerrado e Cidadania** 29

Marcª D. Gigonzac

<b>Educação Física</b>	
<b>Finsocial em Movimento</b>	<b>31</b>
Lavínia Cecília de Oliveira	
<b>Finsocial: minha casa, minha rua, meu bairro, minha vida, minha história</b>	<b>34</b>
Nivaldo Antonio N. Davi	
<b>Geografia</b>	
<b>O Ensino de Geografia: uma Prática Social no Município de Ouvidor</b>	<b>37</b>
Márcio Greik Viana, Reni Maria Jacob, Elíce Torquatro Balbino, Mara Helena Batista Machado de Sales	
<b>O Saber Geográfico não se Desmancha no Ar</b>	<b>40</b>
Eguimar Felício Chaveiro	
<b>História</b>	
<b>Conhecendo e Valorizando nosso Patrimônio Cultural</b>	<b>43</b>
Adonias Martins de Sousa, Alzimar Pereira da Silva, Edlaine Goulart de Sousa	
<b>Aprendendo com o Passado</b>	<b>46</b>
Adriane Álvaro Damascena, Márcia Vieira Andrade, Wilmar Alves da Silva	
<b>Inglês</b>	
<b>Consciente em Sala de Aula</b>	<b>49</b>
Terezinha Sousa Santiago	
<b>E o lugar da Língua Inglesa?</b>	<b>51</b>
Rosane Rocha Pessoa	
<b>Língua Portuguesa</b>	
<b>Trabalho com Pesquisa – Caminho para a Ampliação do Conhecimento</b>	<b>53</b>
Alcione Lopes Domingues Rodrigues, Elisabete Neves de Oliveira Costa, Helenair Ivanilde Rezende Machado, Maria das Graças Silva Moraes, Nilva Sousa Machado de Rezende, Rodrigo Alves Carvalho, Zaira Oliveira Ribeiro Costa	
<b>Campeão Pra Quem?</b>	<b>56</b>
Agostinho Potenciano de Souza	
<b>Matemática</b>	
<b>Um Passeio pela Festa de Trindade através da Matemática</b>	<b>59</b>
Jucineide Pereira	
<b>Assim como era no Princípio</b>	<b>63</b>
Nilton Cezar Ferreira	

# A apresentação

**É** com sentimento de satisfação, pela conclusão de um ciclo no processo de Reorientação Curricular da rede estadual de Goiás e na perspectiva da continuidade desse processo, que colocamos em suas mãos, professor (a), o Caderno 4 – Relatos de Práticas Pedagógicas. Ele traz a sua voz, imprime a marca de seu trabalho nas escolas de Goiás, quando registra experiências que certamente já fazem parte de sua prática pedagógica ou, quem sabe, poderão vir a integrá-la. É uma pequena amostra da importância de várias atividades que, tratadas pedagogicamente e com criatividade, podem deixar o cotidiano escolar mais atraente, prazeroso e contextualizado, favorecendo o processo de ensino e de aprendizagem, tanto de alunos, quanto de professores, que podem repensar a sua prática e transformá-la.

Este Caderno é a continuidade do diálogo iniciado, há dois anos, com os professores da rede, e traz relatos de experiências desses profissionais que atuam do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Tais relatos foram democraticamente selecionados pelos multiplicadores de todas as áreas das 38 subsecretarias, no encontro realizado em Pirenópolis, no período de 30/05 a 01/06/2006.

Todas as experiências aqui relatadas valorizam as especificidades das áreas do conhecimento, as práticas sociais locais, as culturas juvenis e contribuem para a redução dos índices de evasão e de repetência escolares, uma das prioridades da proposta de Reorientação Curricular.

Essa publicação conta, também, com a valiosa contribuição dos parceiros das Universidades ou de profissionais da Superintendência de Ensino Fundamental – SUEF que dialogam com os relatos, numa abordagem crítica e reflexiva. Assim, produziram textos ressaltando os pontos que valorizam as especificidades de cada área e, também, as prioridades da Reorientação Curricular, além de indicarem caminhos a seguir, apontarem rumos e estimularem novas perspectivas de atuação docente aos autores dos relatos.

Na construção desse caderno destacamos o caminho de ida e volta, traçado numa relação de simultaneidade e complementaridade entre a Secretaria de Estado da Educação, Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária e Universidades (UFG, UCG e UEG), que teve como ponto de partida a realidade escolar que tencionamos compreender, a partir dos conflitos, desafios, pontos

fortes e propostas pedagógicas, apresentados pelas equipes escolares e identificados no processo de acompanhamento. Na medida em que nos apropriamos idealmente dessas realidades, refletimos, discutimos, confrontamos idéias e sugestões, avaliamos possibilidades e propomos encaminhamentos para a superação das dificuldades e efetivação das propostas.

Nessa relação dialética o real está em movimento, é contraditório e possui historicidade, portanto conhecê-lo significa realizar sucessivas aproximações. Por mais que nos aproximemos da realidade, novas questões surgem para complementar a nossa análise. Nesse sentido, é fundamental reconhecer a provisoriedade que tem o conhecimento que construímos. Caso contrário, estaríamos negando essa construção.

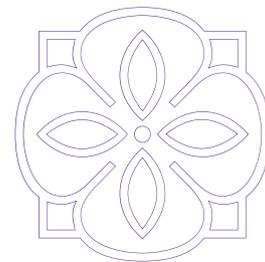
Assim, este Caderno, que é o resultado de toda uma trajetória de formação continuada dos professores, configura-se como um importante instrumento de interação e socialização nos grupos de estudos, constituídos com o propósito de dar continuidade a esse processo de construção do conhecimento.

Retomamos, aqui, Borges, para oferecer-lhe, professor, este Caderno que já é seu, portanto, comemore, explorando-o nos grupos de estudos.

***“Somente podemos dar o que já é do outro.  
Neste livro estão as coisas que sempre foram suas”.***

JORGE LUIZ BORGES

**Milca Severino Pereira**  
Secretária Estadual de Educação



## DIREITO À EDUCAÇÃO, CURRÍCULO E ENSINO: UMA TEORIZAÇÃO SOBRE AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM GOIÁS

GILDA CARDOSO DE ARAUJO<sup>1</sup>

Os mecanismos internos de exclusão forjados no interior das práticas educativas têm estreita relação com o currículo e com o ensino. Isso porque junto com o processo de industrialização e com a ampliação da escolarização, obrigatória observada em quase todos os países no início do século passado, iniciou-se, nos Estados Unidos dos anos 1920, um movimento no âmbito da administração da educação para racionalizar os resultados educacionais que deveriam ser criteriosamente especificados e medidos, nos moldes da racionalização da empresa capitalista e sua administração científica do trabalho propugnada por Taylor e Fayol. O pioneiro desse movimento foi Bobbitt com a publicação, em 1918, do “The Curriculum”.

Paradoxalmente, ao mesmo tempo em que se afirmava a concepção da educação como direito social de cidadania, buscava-se enquadrá-la aos princípios da produtividade própria do capitalismo. Assim, teve início toda uma história da teorização sobre o currículo cujas bases são as questões: o que deve ser ensinado? O que os alunos devem ser ou devem se tornar?

A teorização sobre o currículo esteve estreitamente vinculada com a questão da formação de um tipo de ser humano desejável para um determinado tipo de sociedade e, portanto, com a questão do direito à educação.

Etimologicamente a palavra curriculum vem do latim e significa “pista de corrida”. As questões discutidas pelas teorias do currículo são questões relativas ao que essa pista deve ter para nos tornarmos os seres humanos desejados por determinada formação social. Ou seja, o que devemos aprender para a nossa formação. Nesse sentido, o currículo pode ser considerado um dos elementos que dão materialidade ao direito à educação.

Existem muitas classificações quanto aos tipos de currículo segundo a concepção de sociedade, de conhecimento e de homem que se quer formar. Essas concepções têm relação com a forma que lidam com as questões relativas ao poder e ao sujeito no processo de ensino e de aprendizagem. Grosso modo, essas tipologias acabam por expressar a ambigüidade da função social da educação traduzida na polarização dos objetivos da escolarização em duas tendências opostas: a de dominação social (controle ou conservação) e a de emancipação humana (democratização, participação). Em outras palavras, as tipologias se dividem quanto à resposta para a questão de qual deve ser a finalidade da educação: ajustar as crianças e os jovens

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela USP e Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo.

à sociedade tal qual ela existe ou prepará-los para transformá-la? Preparar para o mercado ou para a democracia?

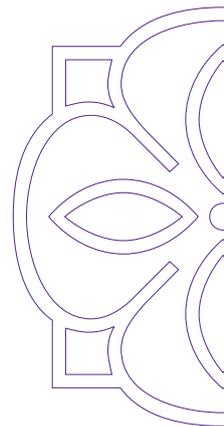
O direito à educação e seu entrecruzamento com as questões curriculares fez emergir a complexa coexistência da face conservadora e da face progressista da escola. Nas práticas pedagógicas, o direito à educação assumiria sua face conservadora partindo de um currículo que preparasse o homem para o desempenho de papéis sociais, reforçando as desigualdades ao pretender igualar indivíduos desiguais. A escola apresenta-se como transmissora de conhecimentos abstratos e autônomos como se fossem independentes da realidade social e política. Essa face conservadora pressupõe uma organização extremamente racionalizada do trabalho pedagógico em que o professor é apenas um executor, perdendo o controle do seu trabalho. A ênfase recai no estabelecimento de objetivos ou listas de conteúdos desvinculados da realidade.

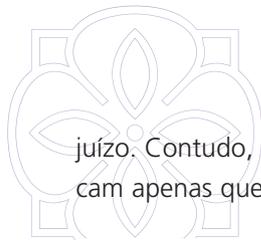
Já a face progressista leva em consideração o fato que a educação escolar, e, portanto o direito à educação, é parte integrante da sociedade, mas colabora na divulgação de uma nova concepção de mundo, trabalhando pela emancipação. O currículo fundamentado nessa concepção considera o aluno sujeito do seu processo de aprendizagem, destacando o saber a ser produzido, sem desconsiderar o saber que o aluno traz. As atividades de currículo e ensino não são desvinculadas da totalidade social.

Toda essa teorização sobre a questão curricular não significa que essa tipologia exista em forma “pura” nas escolas. Primeiro, porque as escolas são espaços de interação onde são definidas culturas particulares de acordo com as concepções e experiências individuais e sociais da comunidade e, segundo, porque os próprios estudiosos do currículo admitem que são coisas diferentes aquilo que é declarado, aquilo que é vivido e aquilo que é experienciado, em outros termos, o currículo prescrito (ou formal), o currículo vivido (ou real) e o currículo oculto (práticas e experiências compartilhadas na escola ou na sala de aula). Isso significa que o currículo extrapola modelos, teorizações e mesmo prescrições dos órgãos centrais porque, para ser concretizado, deverá interagir com a cultura da escola que vai influenciar os modos de agir, pensar e sentir da escola como um todo e dos integrantes da comunidade escolar de forma particular.

Entretanto, na cultura da escola estão presentes mecanismos de exclusão que são reiterados a partir de práticas pedagógicas voltadas para a racionalização, especificação e medição típicas da lógica do capitalismo, de modo que compreendemos, na maioria das vezes, a “escola boa” ou a escola de qualidade como aquela que consegue aprovar mais alunos em vestibulares concorridos.

Essa compreensão prevalece porque fomos socializados a partir dela, de maneira que podemos considerá-la um preconceito ou pré-conceito e um prejuízo ou um pré-juízo. Simplesmente muitos educadores não refletiram criticamente sobre o quanto essa concepção é excludente. Como aponta Hanna Arendt (2002), o perigo dos preconceitos é que neles se oculta sempre um pedaço do passado e um juízo já formado, o que torna impossível uma experiência verdadeira do presente com o





juízo. Contudo, a autora indica que os preconceitos não são juízos definitivos. Indicam apenas que não sabemos ainda nos mover politicamente:

Não se precisa deplorar e, em nenhum caso, deve-se tentar modificar o fato de os preconceitos desempenharem um papel tão extraordinário no cotidiano – e com isso, na política. Pois nenhum homem pode viver sem preconceitos, não apenas porque não teria inteligência ou conhecimento para julgar de novo tudo que exige um juízo seu no decorrer da vida, mas sim porque tal falta de preconceito requereria um estado de alerta sobre-humano. Por isso, a política tem de lidar sempre e em toda a parte com o esclarecimento e com a dispersão de preconceitos, o que não significa tratar-se, no caso de uma educação para a perda de preconceitos, nem que aqueles que se esforcem para fazer tal esclarecimento sejam livres de preconceito (p. 29).

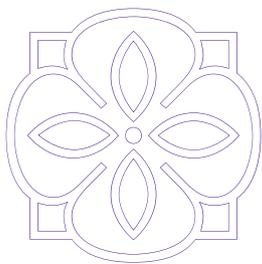
O trabalho de Reorientação Curricular de um sistema de ensino é um movimento técnico, sem dúvida, mas é, sobretudo, um movimento político no sentido de aproximar os conteúdos da escola à sua função social e torná-los elementos constitutivos da garantia e da efetividade do direito à educação.

Como movimento político, significa que necessariamente vai lidar com a complexa questão da dispersão de preconceitos (pré-conceitos) e dos prejuízos (pré-juízos) ligados a uma compreensão excludente da escola. As experiências relatadas nesse caderno apontam como alguns educadores estão desafiando a si próprios nesse processo e como têm percebido a estreita vinculação entre direito à educação, currículo e ensino, direcionando suas práticas pedagógicas para atender àquela função social da escola ligada à afirmação dos valores da democracia e da cidadania.

Esse processo de Reorientação Curricular e as experiências relatadas nesse caderno indicam que: a) a educação é um ato político e, portanto, é a chance e o espaço da liberdade e do agir coletivo e b) enquanto pudermos refletir e agir seremos capazes de fazer o improvável e o incalculável.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARENDR, Hanna. *O que é política?* 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 238 p.



## OS RELATOS DE PRÁTICA E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

DILETA DELMANTO<sup>1</sup>

LUIZA E. FAUSTINONI<sup>2</sup>

***Escrever sobre a prática educativa é um interessante exercício para refletir sobre o que se está fazendo e as conseqüências disto no contexto educacional. Esta reflexão da prática e na prática, como processo contínuo e de formação, aliada à troca de experiências, pode facilitar e tornar mais coerente as transformações do instituído, auxiliando na construção de uma nova epistemologia da prática, na construção de saberes e resoluções de problemas.<sup>3</sup>***

**R**elatos de práticas docentes são registros de atividades realizadas com os alunos, com o objetivo de construir conhecimentos. Neles deve transparecer a intenção do professor em cada atividade planejada, suas reflexões e observações ao longo do desenvolvimento da experiência. O caminho para alcançar cada objetivo precisa estar claramente expresso, para que os leitores, provavelmente outros professores, possam compreender o trabalho por inteiro. Os resultados alcançados e o modo como cada procedimento foi avaliado, retomado, revisto, refeito também precisam estar explícitos, de modo a propiciar elementos de análise para posterior reflexão e busca de caminhos, na perspectiva da melhoria contínua da educação oferecida na escola.

Devem refletir o percurso realizado pelo professor durante todo o desenrolar da atividade. É importante ressaltar se a experiência relatada fazia parte de algum projeto, se envolveu a comunidade, a escola toda, as áreas do currículo ou apenas alguns professores e alunos, e dar destaque às tarefas e ao envolvimento dos participantes. E, principalmente, ao que se aprendeu durante o processo.

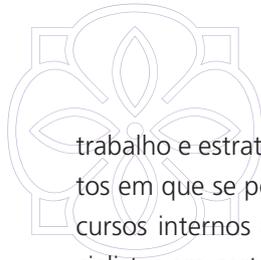
São produções bastante significativas na medida em que permitem que a voz do professor seja ouvida, seja levada a outros tantos que têm as mesmas inquietações, a mesma vontade de criar e dar respostas a velhos desafios que continuam presentes no dia-a-dia de professores e alunos. Os relatos possibilitam pôr fim à sensação de isolamento e impotência, permitindo que o conhecimento produzido seja socializado e colocado à disposição daqueles que dele podem se beneficiar.

Por meio deles é possível expor práticas, trocar experiências, explicitar planos futuros e analisar problemáticas comuns. Essas trocas poderão auxiliar os professores a adotar ou descartar algumas abordagens elaboradas, revisar hipóteses de

<sup>1</sup> Mestre em Língua Portuguesa, autora de livros didáticos e colaboradora do Cenpec.

<sup>2</sup> Mestre em Lingüística Aplicada ao Ensino, autora de propostas curriculares e formadora do Cenpec.

<sup>3</sup> <http://twiki.im.ufba.br/bin/view/EDC708/ReflexaoPartilhada>



trabalho e estratégias de ação e planejar as etapas seguintes. Representam momentos em que se pode também questionar a respeito da necessidade de recorrer a recursos internos (colegas de outra série ou de outra disciplina) ou externos (especialistas em certo âmbito).

Rever a rotina, recuperar a alegria de aprender e ensinar, aprender com a experiência do outro, reconhecer dificuldades e compartilhar sucessos, essas são algumas possibilidades que os relatos de práticas oferecem.

Esse tipo de conduta vai muito além de simples intercâmbio de “truques e receitas”, pois se insere em uma lógica de resolução de problemas que recorre à criatividade e à participação de cada um, ao reconhecimento de que não se pode ser o melhor o tempo todo, que não se aprende sozinho, que de nada serve ficar constantemente reinventando a roda, que a idéia do outro, retomada e adaptada, pode ser mais eficaz do que uma longa busca solitária, que se pode aprender e desenvolver cada um por si e também todos juntos.

Perrenoud<sup>4</sup>

#### **Objetivos da elaboração dos relatos:**

Os aspectos abaixo demonstram a importância dos relatos de prática docente, na medida em que eles permitem :

- dar visibilidade às ações realizadas e evidenciar aprendizagens;
- valorizar o registro da prática e a prática do registro;
- conhecer os participantes de um projeto;
- enfatizar a importância da prática dos professores e das produções dos alunos;
- vivenciar, por meio dos registros, as ações propostas e realizadas por alunos, professores, pais e outros participantes dos projetos ou atividades;
- compartilhar e socializar as experiências desenvolvidas, na voz de seus autores;
- observar, analisar e discutir resultados alcançados a cada momento e refletir sobre eles;
- estimular ações educativas de busca de melhoria da educação e de fortalecimento das práticas consideradas bem-sucedidas;
- incentivar a autonomia,
- apresentar ações desencadeadas com a realização do projeto ou das atividades, discutir e refletir coletivamente a respeito delas e identificar avanços, dificuldades e soluções possíveis.

#### **Forma de organização dos relatos: algumas sugestões**

O educador espanhol Fernando Hernández<sup>5</sup> ressalta que, no relato de uma experiência, é muito importante que o professor, para ser compreendido por outra pes-

<sup>4</sup> op. cit.

<sup>5</sup> Hernández, Fernando. Entrevista ao *Boletim Arte na Escola*, nº4 publicado pelo Instituto Arte na Escola, São Paulo abril/maio de 2006.

soa, nele apresente a justificativa de seu projeto. Ou seja, por que essa atividade começou? Por que se decidiu realizá-la? Quais os passos, os momentos essenciais percorridos durante o processo? Quais foram os objetivos? Como foi realizada a avaliação? Que impacto houve? O que o professor acha que aprendeu? E o que considera que seus alunos aprenderam?

Uma forma de organizar essas informações é começar com uma **introdução** na qual conste o contexto da atividade realizada, informações acerca do local e momento em que ela se deu e dados sobre a turma com a qual se trabalhou. Pode-se ainda indicar, de modo claro e breve, o tema ou o problema em questão, a origem do projeto, quais os objetivos do trabalho (o propósito), ponto de partida e os resultados esperados.

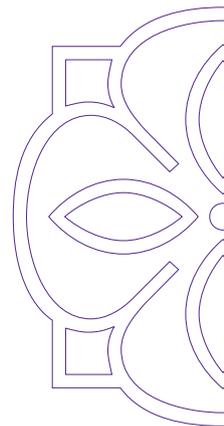
O **desenvolvimento** apresenta o que se fez e o modo como cada ação foi realizada. Geralmente contém a metodologia seguida, os procedimentos e/ou estratégias utilizadas, os recursos didáticos empregados, parcerias estabelecidas, discussões realizadas em torno do assunto, observações feitas durante o processo, seus possíveis desdobramentos e as formas de sistematização e registro utilizadas.

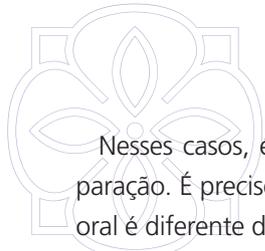
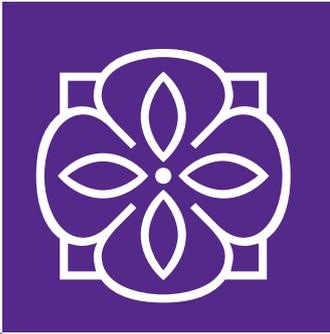
Uma análise de cada atividade também pode auxiliar o leitor a compreender melhor as ações planejadas. Por exemplo, explicitar de que forma foi realizado o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema, como foi feita a problematização, como foram orientadas as ações na perspectiva de ampliar, contrapor ou reforçar conhecimentos iniciais expressos pelos alunos (por meio de levantamento de hipóteses, pesquisas discussões, leitura de textos diversos, observação e discussão de filmes, mapas, gráficos) e em que medida cada uma das atividades contribuiu para o processo de aprendizagem dos alunos.

A avaliação de cada atividade e de seus desdobramentos também deve ser registrada de modo sistemático e contínuo, para que se possa verificar se ocorreu uma aproximação em relação aos resultados esperados ou se houve necessidade de mudanças e adaptações. É fundamental deixar claro o significado da realização da experiência, explicitar problemas detectados e soluções encontradas, recomendações, solicitações, mudanças de perspectiva, novos encaminhamentos.

Na **conclusão** é importante que seja apresentada uma síntese do projeto ou das atividades e considerações a respeito do grau de consecução dos objetivos propostos, com indicação de possíveis desdobramentos, necessidade de aprofundamento ou de revisão de rumos. Vale ainda incluir apreciações a respeito dos autores e participantes do projeto, indicação de dificuldades encontradas, avaliação da metodologia e dos recursos utilizados, grau de satisfação encontrado, comentários sobre a receptividade dos alunos ou sobre a originalidade das ações realizadas.

Há situações em que os relatos de prática docente devem ser apresentados oralmente, como em seminários, congressos e outros eventos de intercâmbio profissional.





Nesses casos, é importante lembrar que a apresentação oral também requer preparação. É preciso que o apresentador da experiência tenha clareza de que um relato oral é diferente de um relato escrito. Este apenas servirá de apoio à sua apresentação.

Os relatos publicados neste Caderno foram redigidos por educadores de Goiás que registraram experiências realizadas com projetos desenvolvidos em suas escolas. Neles, evidenciando a relação entre teoria e prática, os professores demonstram que estão em um grande laboratório pedagógico no qual fazem experiências e descobrem práticas relevantes, oportunas e encontram caminhos para responder às suas inquietações pedagógicas.

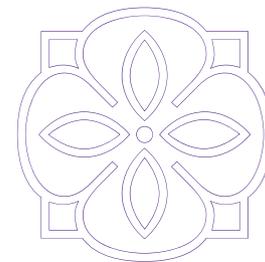
Registradas, essas vivências permitem uma reflexão sobre a ação relatada, quer pelo próprio professor, quer pelos colegas da escola, quer pelos leitores deste Caderno com os quais eles compartilham a prática pedagógica e os conhecimentos construídos. Por meio desses relatos e das análises que os acompanham, podemos perceber a relevância de momentos como estes no que se refere, tanto ao crescimento individual e do grupo, como à produção de material para o desenvolvimento da prática docente.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

PERRENOUD, Philippe et al. *As competências para ensinar no século XXI: A formação dos professores e o desafio da avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

*Referencial de expectativas para o desenvolvimento da competência leitora e escritora no ciclo II do ensino fundamental*. São Paulo: SME/DOT, 2006.

**RELATOS E REFLEXÕES DE  
PRÁTICAS EM SALA DE AULA**



## COMBATENDO O FRACASSO ESCOLAR: AS ESCOLAS EM AÇÃO

LÍDIA IZECSON DE CARVALHO<sup>1</sup>

MARTA WOLAK GROSBAUM<sup>1</sup>

**N**as últimas décadas, a expansão da rede escolar trouxe para dentro da escola um enorme contingente de crianças que não era atendido anteriormente. Porém, paralelamente à expansão do acesso, expandiu-se também o fracasso escolar. O grande desafio, então, passou a ser a oferta de um ensino de qualidade, assegurando a permanência das crianças e jovens na escola, com sucesso.

Conscientes dessa responsabilidade e atendendo à proposta de Reorientação Curricular do 6º. ao 9º. ano, as escolas da Rede Estadual de Goiás vêm desenvolvendo inúmeras ações visando romper com a cultura do fracasso escolar.

Com a finalidade de conhecer e dar visibilidade a essas ações, a Superintendência de Ensino Fundamental solicitou que as equipes técnicas regionais identificassem experiências de escolas que conseguiram melhorar substancialmente seus índices de retenção e evasão. Para auxiliar a coleta das informações, foi elaborado um roteiro com as seguintes questões:

1. O que levou a escola a propor um trabalho específico visando melhorar os seus índices de retenção e evasão ?
2. Quais as ações desenvolvidas pela escola?
3. Quem foi envolvido no trabalho?
4. Quais os resultados obtidos?
5. Como pretende dar continuidade ao trabalho?

O material coletado traz informações valiosas que podem contribuir com outras escolas, na busca de caminhos para a melhoria da educação que oferecem aos seus alunos. Este artigo sintetiza aspectos relevantes das informações obtidas nos relatos apresentados pelas Subsecretarias, na Formação Centralizada realizada no final do mês de maio de 2006, em Pirenópolis.

Na leitura desses relatos foi possível observar que diferentes fatores levaram estas escolas a se mobilizarem por mudanças em um ou vários aspectos do seu trabalho.

A maior parte delas despertou para a mudança a partir da *constatação dos alarmantes índices de evasão e repetência*, conforme pode ser constatado nos relatos abaixo.

<sup>1</sup> Pedagogas colaboradoras do CENPEC

“Durante muitos anos convivemos com o fantasma da evasão e repetência em nossa escola, principalmente no noturno...Nos conselhos de classe o que se ouvia era que o aluno não queria estudar; afinal se transferia a culpa para o aluno. Com o número de alunos diminuindo a cada ano, começamos a perceber que o problema não era apenas social e econômico, e sim de aprendizagem. Por não conseguir acompanhar o currículo, não aprendiam e abandonavam a escola ou reprovavam.” (Escola da Subsecretaria de Trindade)

“...Com a constatação, através de gráficos e atas de resultados finais do alto índice de reprovação e evasão escolar, o grupo gestor começou a mobilizar toda a comunidade escolar para uma mudança de atitudes e valores para mudar e/ou reverter esse quadro.”(Colégio Estadual Belmiro Soares)

“A escola sempre foi referência na cidade, porém o índice de repetência vinha aos poucos, aumentando.”(Escola Senador Hermenegildo de Moraes)

Outras escolas apontaram o desinteresse dos alunos pelas aulas como desencadeador de um trabalho diferenciado, “que fizesse os alunos gostarem mais da escola e, conseqüentemente se interessassem pelo processo de ensino – aprendizagem” (Colégio Estadual Alfredo Nasser)

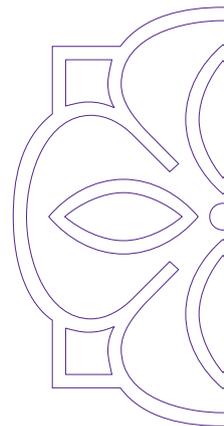
Estas equipes escolares deram-se conta de que a vida na escola não se restringe somente às salas de aula ou às aulas expositivas dos professores, e passaram a desenvolver ações que motivassem seus alunos para o trabalho escolar.

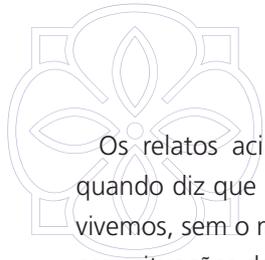
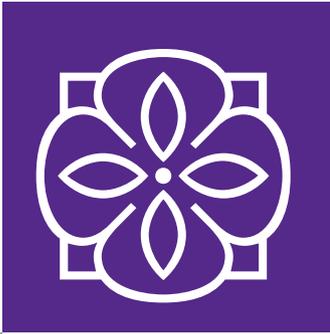
Segundo os relatos, um outro fator desencadeante de novas ações e projetos em algumas escolas foi a dificuldade de aprendizagem apresentada pelos alunos, sobretudo no letramento. Estas escolas reconhecem que cabe a elas não só garantir o acesso e a permanência dos estudantes, mas também possibilitar a eles a apropriação das ferramentas básicas à sua inserção no mundo letrado.

“Constatamos que no ano de 2005, cerca de 60% dos alunos de 5ª a 8ª série apresentavam alguma dificuldade em ortografia e 40% dos mesmos, dificuldades referentes à concordâncias verbais e nominais e ainda 50% dificuldades de leitura e interpretação” (Colégio Estadual José Pereira de Faria)

Outra escola relata que vinha convivendo passivamente com as dificuldades de aprendizagem dos alunos e com o fracasso e a exclusão dos mesmos, mas se viu obrigada a rever o seu projeto educativo quando observou o crescente descrédito da escola, pela comunidade, a ponto de chegar a correr o risco de fechamento.

“... por conta dos altos índices de retenção e evasão, a escola adquiriu uma fama ruim e viu seus alunos buscarem outras instituições, o que ocasionou o cancelamento de dois turnos e o risco de fechar.”(Escola Estadual Carlos Gomes)





Os relatos acima apresentados remetem-nos ao Professor Walo Hutmacher\*, quando diz que “a familiaridade provoca a cegueira”. Na escola, freqüentemente convivemos, sem o menor espanto, num espaço muitas vezes separado do mundo real, com situações de exclusão, discriminação e desrespeito. Se não estivermos atentos, tudo o que acontece na escola torna-se tão familiar, que já não nos chama a atenção. É, pois, importante observar e aplaudir estas escolas que olharam para si mesmas, constataram problemas, entenderam que podem buscar caminhos para a sua solução, arregaçaram as mangas e passaram a empreender mudanças qualitativas em seu trabalho. Mudar não é fácil, exige esforços enormes, mas os resultados podem ser gratificantes para alunos, professores e comunidade. É inegável que o fato de as escolas saírem da posição de observadoras do processo de fracasso e começarem a buscar soluções, por si só, já traz resultados positivos.

### MUDAR COMO?

Conscientes dos problemas, estas unidades escolares se propuseram a implementar diferentes ações no sentido de transformar a vida escolar e a própria escola. Elas acreditaram que se constituem no lugar concreto de trabalho e de investimento para garantir o sucesso da aprendizagem dos alunos e não transferiram a responsabilidade do fracasso e da evasão escolar aos pais e aos estudantes.

Assim, propuseram uma série de ações, sendo que a maior parte delas coloca o foco no currículo e no ensino. Desta forma, uma escola afirmou ter realizado uma seleção de conteúdos significativos e contextualizados - que se constituem em ferramenta para compreensão da realidade. Outras escolas afirmaram ter passado a desenvolver aulas mais dinâmicas e mais interessantes, algumas vezes trabalhando por projetos, outras vezes propondo atividades diversificadas ou trabalhos interdisciplinares; ou ainda, simplesmente fazendo uso de recursos já existentes na escola, como a videoteca, biblioteca, sala de informática, etc.

“Agora nota-se mais interesse por parte dos alunos, mais freqüência na sala de aula, professores diversificando suas aulas, procurando envolvê-los de acordo com a realidade do cotidiano” (Escola Estadual professor Epaminondas Roriz)

“Pretendemos continuar com os projetos de sucesso, mantendo uma proposta pedagógica flexível, diferenciada e de acordo com a realidade do aluno, inovando sempre e inserindo novas estratégias que despertem o interesse para uma aprendizagem significativa”. (Escola Estadual Argemiro Antonio de Araújo)

“Observamos maior alegria e união da escola, melhora na qualidade dos trabalhos produzidos pelos alunos, principalmente na produção de textos, maior participação dos alunos nas au-

\*Professor da Universidade de Genebra

las, nas atividades propostas e maior envolvimento dos professores nos projetos, embora ainda precise melhorar.” (Escola Estadual Belmiro Soares)

Além do desenvolvimento de ações focando o currículo e o ensino, várias Unidades Escolares colocaram a ênfase no aluno e buscaram alternativas para assegurar um apoio aos estudantes com dificuldades, seja contando com a monitoria de mães ou de alunos de faculdade, seja organizando turmas de recuperação paralela ou aulas de reforço com o próprio pessoal da escola.

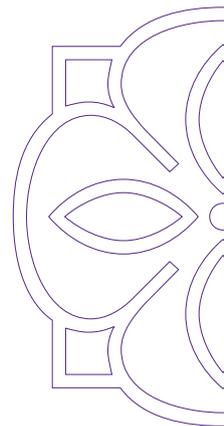
Também foram citados projetos de valorização dos alunos, especialmente dos que apresentam maiores dificuldades. Uma ação relativamente simples, relatada por uma escola e que possibilita um relacionamento mais próximo com os estudantes e uma melhor compreensão das suas problemáticas, é o apadrinhamento de turmas por um ou mais professores.

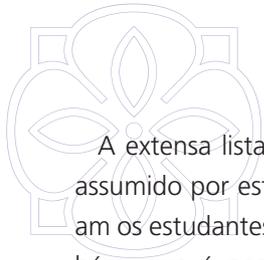
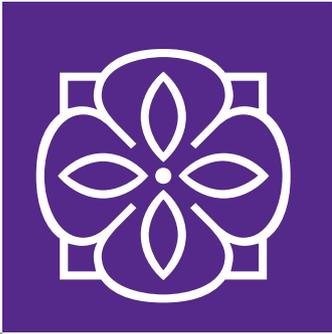
“Vimos aumentar substancialmente o número de novos alunos a cada ano. Com o monitoramento assumido pelo padrinho de turma, conseguimos realizar um trabalho mais direcionado e individualizado, uma aproximação mais íntima e amigável, inteirando-nos não só da vida escolar, como também da vida pessoal do aluno. Diagnosticamos as dificuldades e, junto com a família, procuramos saná-las.” (Escola Estadual José Pereira de Faria)

Sempre buscando assegurar o sucesso do aluno e entendendo a aquisição da leitura como um instrumento básico para a apropriação de conhecimentos em qualquer disciplina e para a construção da cidadania, muitas dessas escolas que diminuíram seus índices de reprovação e evasão relataram que estão desenvolvendo projetos de leitura e monitoramento para alunos com dificuldades específicas em leitura e escrita.

Ainda nas ações focando o aluno, porém com recortes culturais e na área de esportes, foram citadas aulas de música, informática, teatro e outras, bem como a promoção de eventos como concurso literário, feira cultural, gincana, campeonato de leitura, torneio de esportes e o desenvolvimento de projetos lúdicos.

No que se refere à avaliação, foram bastante relatadas ações de revisão do processo de avaliação, com a introdução de diagnósticos periódicos das dificuldades dos alunos, fichas de acompanhamento e auto-avaliação. As escolas perceberam que o uso da avaliação só como instrumento para classificar os alunos, aprová-los ou reprová-los, revela o seu lado cruel, que é o da exclusão. A partir da avaliação, o professor pode rever os procedimentos que vem utilizando e replanejar o seu trabalho. Para o aluno, ela permite perceber os avanços e dificuldades. A avaliação tem, assim, uma função permanente de diagnóstico e acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de utilizar a avaliação a favor dos alunos e não contra eles.





A extensa listagem de ações aqui relatadas revelam o esforço e o compromisso assumido por estas escolas e suas equipes, para reverter situações que não atendiam os estudantes em seu direito básico a um ensino de qualidade. Confirmam, também, que é possível obter bons resultados “sem a necessidade de inventar projetos mirabolantes”, como diz a Escola José Pereira de Faria.

Citando novamente o Professor Walo, “muitas vezes trata-se apenas de estranhar o já conhecido, como se estivéssemos vendo pela primeira vez, e buscar soluções simples que estão ao nosso alcance”.

Um outro foco das ações empreendidas por estas escolas que diminuíram significativamente seus índices de retenção e evasão é o envolvimento e o estabelecimento de parcerias com a comunidade. Elas sabem que uma das medidas que podem contribuir para a melhoria da qualidade da educação é a promoção de ações em mão dupla: da escola para a comunidade e desta para a escola. Sabem também, que os efeitos positivos de uma boa articulação entre a escola e a comunidade se refletem nos resultados obtidos pelos alunos.

Neste sentido, uma das ações enfatizada nos relatos refere-se ao incentivo a projetos visando envolver a família na vida escolar, com a participação conjunta de alunos e pais em atividades diversas e a realização de visitas domiciliares aos alunos faltosos. Desta forma, foi possível estabelecer uma relação de confiança com a comunidade, conseguindo tê-la como aliada no processo de desenvolvimento e aprendizagem de seus filhos.

“Agora temos uma escola cheia de vida, com alunos animados e participativos, grêmio estudantil atuante; expressiva participação dos pais e da comunidade.” (Escola Estadual Alfredo Nasser)

Foi também muito relatado como medida positiva o estabelecimento de parcerias com outras instituições tais como Secretaria Municipal de Educação, Faculdades, ONGs, o que resultou inclusive no aproveitamento de alunos-bolsistas de Faculdades, como monitores junto aos alunos com maiores dificuldades.

“O número de alunos aumentou e tornamo-nos referência positiva no bairro, conseguindo a confiabilidade da comunidade que é, hoje, a nossa grande parceira.”(Escola Estadual Carlos Gomes)

É possível observar que a inclusão de diferentes segmentos para pensar a Escola (equipe técnica, operacional, docente, alunos; pais, representantes da comunidade, outras entidades e organizações) leva a um novo patamar de participação e corresponsabilidade social pela educação das crianças e jovens, que pode ser extremamente positiva.

Além das ações até aqui descritas, muitas dessas escolas estão propiciando o aperfeiçoamento do corpo docente e a melhoria de desempenho da própria equipe gestora, estimulando a reflexão sobre os dados da escola, incentivando a formação continuada, realizando palestras e encontros pedagógicos, organizando grupos de estudo, oficinas pedagógicas, encontro de professores por áreas de conhecimento, bem como fornecendo orientação para uso eficiente das tecnologias disponíveis.

Toda esta gama de ações acima relatada só foi possível pela presença de três elementos fundamentais: um gestor comprometido, um coordenador pedagógico empenhado e uma equipe docente preocupada em assegurar aprendizagem a seus alunos. Com estes elementos a escola consegue criar um clima amigável, favorável ao trabalho, assegurando o sucesso dos alunos, conforme pode ser constatado no depoimento abaixo:

**“...toda a equipe escolar foi sensibilizada, todos estão envolvidos: desde a faxineira até a diretora. A gestão escolar foi fundamental neste trabalho.”** (Escola Dr. Henrique Santillo)

Foram citadas também, entre as ações desencadeadas com sucesso pela equipe gestora, a implantação de projetos contra o abandono escolar, de estímulo à participação dos alunos na tomada de decisões, de valorização do Conselho Escolar bem como do Programa Espaço de Cidadania.

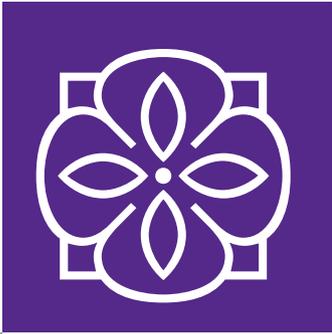
Como era de se esperar, todo esse empenho vem dando ótimos resultados. Todas essas escolas já apresentam melhoras significativas na aprendizagem dos alunos, o que conseqüentemente vem se refletindo nos dados de cada uma delas. “Não se trata de um trabalho milagroso, mas de tarefa dura, intensa e persistente”, como afirma a Escola Estadual Carlos Gomes.

O fato de várias escolas terem propiciado o acesso de crianças e jovens a várias fontes de conhecimento e o contato com diferentes manifestações e expressões da cultura foi extremamente importante. Isto foi assegurado através das atividades de integração promovidas com a comunidade, nas quais outros segmentos se envolveram. A conscientização de que todos somos responsáveis pela educação de nossos jovens constrói o que o ECA denomina de rede de proteção integral e o que preconiza a LDB em relação à ampliação da responsabilidade da educação por diferentes sujeitos sociais.

Entusiasmadas com os resultados alcançados, as escolas relatam grande interesse em dar continuidade às ações empreendidas. Para isso, estão procurando consolidar projetos, buscar novos parceiros, envolver ainda mais a equipe escolar e a comunidade, inovando sempre e procurando encontrar solução para os problemas. Tudo isto cientes de que o ensino tem que ir para além da sala de aula, reconhecendo que se aprende em muitos lugares e situações, o que confere significado à aprendizagem que os alunos realizam.

Como pôde ser constatado, estas ações surtem efeito de extrema importância no enfrentamento das questões relativas ao baixo rendimento dos estudantes.

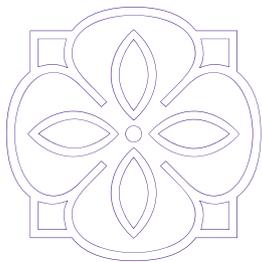




Entretanto, elas não podem ser episódicas, pois para se tornarem efetivas no longo prazo, elas precisam estar consolidadas no Projeto Pedagógico da Escola.

**Escolas referência para elaboração deste artigo:**

Escola Estadual Adelino Lopes de Moura  
Escola Estadual Arapoema Meireles  
Escola Estadual Argemiro Antonio de Araújo  
Colégio Estadual de Aplicação  
Escola Estadual Alfredo Nasser  
Escola Estadual Belmiro Soares  
Escola Estadual Carlos Gomes  
Escola Estadual Castelo Branco  
Escola Estadual Cônego Trindade  
Escola Estadual Complexo 07  
Escola Estadual 16 de julho  
Escola Estadual Dr. Henrique Santillo  
Escola Estadual Felizmina C. Batista  
Escola Estadual Genoveva Rezende Carneiro  
Escola Estadual José Pereira de Faria  
Escola Estadual João Mendes  
Escola Estadual Leo Lynce  
Escola Estadual Menino Jesus  
Escola Estadual Novo Horizonte  
Escola Estadual Osvaldo Francisco  
Escola Estadual Padre Pelágio  
Escola Estadual Professor Epaminondas Roriz  
Escola Estadual Professor Edmir Povia Lemes  
Escola Estadual Professor Faustino  
Escola Estadual Senador Hermenegildo de Moraes  
Escola Estadual Virginio Santillo



## PROJETO ARTE COM CARTÕES TELEFÔNICOS

MARIA DE FÁTIMA DA SILVA MARÇAL<sup>1</sup>

O município de Piracanjuba, intitulado “capital nacional das orquídeas”, promove há 20 anos, no mês de maio, uma exposição que reúne orquidófilos (pessoas que cultivam orquídeas) de todo o Brasil. Pensando em ressaltar essa cultura do município e valorizar a Arte, por meio de objetos conhecidos e utilizados pela comunidade escolar, desenvolvi no primeiro semestre de 2006, com os alunos da 6ª série do Colégio Estadual Leo Lynce, o projeto “Arte com cartões telefônicos”.

Observando a variedade de cartões telefônicos que circulavam na escola, a sua grande utilidade na vida da comunidade e, principalmente, a quantidade de informações visuais, que esses objetos trazem, através de textos verbais e não verbais, percebi que poderia desenvolver nas minhas aulas atividades que valorizam a Arte, além de proporcionar também, aos colegas professores de outras disciplinas, a possibilidade de trabalhar com esses materiais alternativos, devido à diversidade de temas neles impressos.

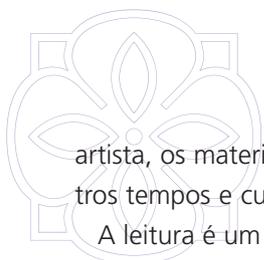
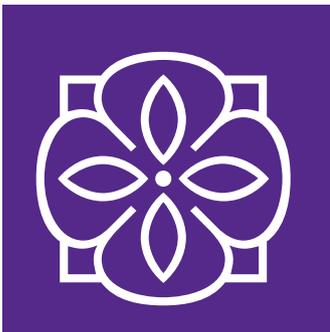
Assim, o nosso ponto de partida foi a série de cartões telefônicos denominada “Orquídeas do cerrado”, emitida por uma empresa de telefonia. Inicialmente os alunos desempenharam a função de “colhedores de imagens”, indo a campo para conseguir o máximo possível de cartões telefônicos de diferentes temas e séries, mas principalmente os da série “Orquídeas do cerrado”, objeto do nosso estudo.

Depois de observadas as variedades de cartões coletados, passamos à etapa posterior, quando os alunos tiveram oportunidade de aprofundar seus conhecimentos, fazendo o estudo estético desses materiais. As informações de um orquidófilo local sobre as cores, as formas e o tamanho das flores forneceram mais elementos para a leitura formal das diferentes orquídeas fotografadas e apresentadas nos cartões.

O fato de desenvolver a leitura de imagens dos cartões despertou nos alunos o hábito de ler outras imagens que os circundam e fez com que as aulas de Arte tomassem outro rumo, tanto pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido na disciplina, quanto pelo interesse dos alunos em valorizar os signos não verbais, durante uma apreciação estética das obras de arte.

As imagens não são produzidas aleatoriamente. São feitas de forma intencional, são pensadas, são criadas para produzir sentido. Por essa razão, para lê-las, torna-se necessário que se conheçam os modos de fabricação do objeto criado pelo

<sup>1</sup> Professora do Colégio Estadual Leo Lynce



artista, os materiais, métodos e técnicas de criação e os objetos produzidos em outros tempos e culturas.

A leitura é um processo fundamental para o desenvolvimento humano e social. É através da compreensão de mundo, da apropriação do saber como fonte de emancipação e auto-reflexão que o educando torna-se um sujeito responsável e individualmente consciente do seu papel na vida comunitária.

Observando o crescimento dos alunos e com o propósito de valorizar cada vez mais o ensino da Arte, convidei o artista plástico Arthur Pereira, que trabalha com o tema orquídea, para expor os seus trabalhos e explicar o processo utilizado na elaboração de suas telas. Com isso pude proporcionar aos alunos um contato com as artes plásticas, além de um certo conhecimento a respeito de movimentos e períodos artísticos, bem como de alguns artistas locais, nacionais e internacionais que desenvolveram e desenvolvem trabalhos nas várias linguagens artísticas, cujo tema principal é a natureza.

Após a visita do artista plástico, os alunos produziram releituras das imagens dos cartões telefônicos “Orquídeas do cerrado”. Esses trabalhos, além de terem incentivado a criatividade dos alunos, transformando as aulas em verdadeiras oficinas de arte, proporcionaram uma maior integração entre eles.

Suas produções foram expostas no mural da escola, onde toda comunidade escolar pôde fazer a leitura e a apreciação das obras.

O Projeto despertou nos alunos a sensibilidade de produtores e colecionadores de imagens, uma postura de integração, companheirismo e solidariedade e, conseqüentemente, fomentou o senso de responsabilidade entre todos os envolvidos.

A participação dos alunos em todas as etapas do projeto fez com que eles pudessem valorizar a arte e suas produções, enfatizando a proposta triangular: experimentação (o fazer), fruição (o apreciar) e contextualização (conhecer o contexto de produção da obra).

O projeto “**Arte com cartões telefônicos**” se colocou frente ao grande desafio: capacitar o educando para a leitura. É preciso ler e utilizar o que se leu de maneira crítica e reflexiva.

Uma proposta que partiu de um princípio importante: -ressignificar o cotidiano- trouxe para as atividades vivenciadas em sala de aula um grande número de interessados, mesmo que inicialmente desconfiados da proposta. Essas crianças e jovens se reconheceram como participantes e construtores de seus próprios caminhos e souberam avaliar todo o seu percurso. A arte passou a fazer parte de suas vidas.

Vale ressaltar que esse projeto está sendo desenvolvido em meio às reflexões que nós, professores, estamos fazendo na proposta de Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano da Rede Estadual de Ensino. Assim, algumas prioridades da proposta, como a valorização da cultura local e as aprendizagens ligadas à leitura e à produção de textos foram valorizadas nesse projeto e apresentam bons resultados.

ENSINO DE ARTE - UMA ATIVIDADE EM  
BUSCA DE NOVOS SENTIDOS

EDNA GOYA<sup>1</sup>

A proposta de trabalho “Arte com Cartões Telefônicos”, realizada pela professora de Arte, Maria de Fátima Marçal, do Colégio Estadual Léo Lynce, da cidade de Piracanjuba, evidencia o seu esforço em ressignificar o ensino de Arte na escola, hoje, banalizado pela prática de atividades aleatórias e sem significação para o aluno.

A experiência artística é desenvolvida com a 6ª série. Pelo relato, a professora aponta uma possibilidade de prática pedagógica para a área de Arte. Pela maneira como propõe a atividade, revela a sua preocupação em dar ao ensino de Arte novo sentido e recuperar a sua importância não só na sala de aula, mas para a formação da criança. A *Abordagem Triangular*, metodologia adotada pela professora, evidencia-se como uma das formas de tirar o ensino de Arte da estagnação a que foi submetida. Com a arte trabalhada nos *três estágios (contextualização, fruição e experimentação)*, a professora produz com os alunos novos saberes.

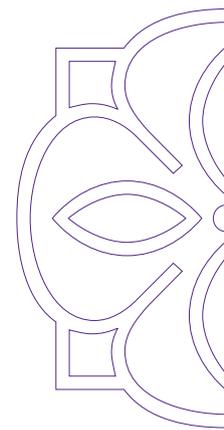
Ao invés de simplesmente propor aos alunos que façam “coisas” procura construir a partir de *Cartões Telefônicos* novos sentidos. Recorre a objetos já existentes no lugar, para ampliar as experiências dos alunos: estética, sensível, cultural e artística, ou seja, busca relacionar os *cartões telefônicos* enquanto produtos da cultura com as aulas de Arte. Na proposta da professora, os Cartões Telefônicos têm papel de *matriz* geradora de uma experiência criadora e sensível.

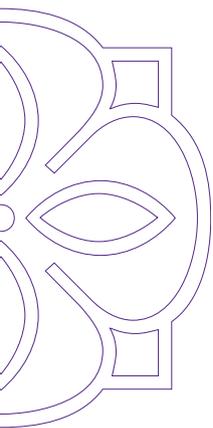
Através dos cartões explora o universo vivencial do aluno, ou seja, aproveita-se da matéria retirada do convívio deles para trabalhar a arte, preocupando-se em relacionar a experiência de vida deles com aquilo que eles devem aprender na escola, interligando ambiente cultural, educação e experiência sensível.

No relato vê-se que os *Cartões Telefônicos* agem como *tema gerador* para a produção criadora. Funcionam como desencadeadores do processo criativo, visual, pois é a partir deles que a professora leva os alunos à reflexão, à experimentação, à fruição ou leitura do objeto artístico. É em torno deles que o fenômeno da criação acontece.

A partir do *tema* “Cartões” várias decisões vão sendo tomadas pela professora para orientar o trabalho de criação; com isso vai *significando* a experiência das crianças e relacionando o mundo exterior à escola, ao seu mundo interior, interligando os acontecimentos do mundo aos conteúdos da escola. *Significar* nessa situação refere-se “a saber” relacionar a experiência criadora aos acontecimentos do ambiente cultural em que o aluno vive.

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Artes Visuais/UFG – GO, Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP; Consultora do Projeto Reorientação Curricular /SEEGO





Para significar uma experiência criadora, além do exemplo citado pela professora, outros aspectos ainda podem ser explorados, a exemplo da *diversidade de temas* dos cartões, de *motivos* que os cartões trazem (refere-se à diversidade de imagens); pode-se verificar os *diferentes* tipos de ilustrações, identificar cartões que trazem temas do cerrado, classificar por assuntos os cartões produzidos no estado e no país, fazer a identificação dos artistas – plásticos ou gráficos – que assinaram os cartões ou realizar uma exposição na escola ou na cidade.

Textos *escritos e visuais* (artísticos) também podem ser produzidos a partir dos cartões, bem como colecioná-los ou produzir um concurso de frases e desenhos para novos cartões. As orquídeas, matéria-prima da cidade, citadas pela professora também poderão servir de *pretexto* ou de *tema* para a criação de cartões, uma vez que as flores são tão importantes para a economia e estão disponíveis na cidade. Podem servir de motivação para a realização de novas elaborações plásticas.

A experiência da professora mostra a sua capacidade de criar mecanismos para favorecer e motivar a produção artística, ou seja, toda a *movimentação* desenvolvida pela professora acontece para explorar, artística e criativamente o tema trabalhado. Ela tenta não perder de vista as relações entre a experiência da criança, o processo de criação e ambiente cultural. Ao encaminhar o trabalho de arte dessa forma produz, juntamente com as crianças, e com as aulas de arte, novos significados para as suas vidas. Os “Cartões Telefônicos” evidenciam-se, no relato, como o *assunto* motivador da criação e as flores podem se apresentar, nos trabalhos das crianças, como *signos* colhidos no ambiente cultural, para serem transformados em produções criadoras.

Um outro passo que pode ser dado é a identificação dos *artistas* ou *artesãos* da cidade que exploram *flores* como tema para a criação: quais desenham ou pintam flores. Deve-se investigar se existem outros produtos, na cidade, que sejam derivados de flores. É importante que se faça o levantamento dos artistas: quantos, quando e onde vivem e, se possível, convidá-los para ir à escola para falar e mostrar o seu trabalho. Também é importante visitar locais de produção de artistas (os ateliês) ou de exposição (museus e galerias de arte) para desenvolver hábitos de frequência aos espaços culturais.

Pode-se fazer uma análise das obras dos artistas para investigar os processos de criação: se pintura, escultura. Deve-se estudar os elementos formais da obra: cores, linhas, formas, texturas, movimentos de linhas e formas. É importante verificar como usam o espaço do papel ou da tela, o que pintam ou desenham, como usam as cores, que formas são dominantes no trabalho do artista, quais as técnicas e materiais utilizados. Comparar as produções dos artistas locais entre si para verificar semelhanças e diferenças pode ser outro passo ou investigar as marcas particulares de cada artista, para identificar o que o torna diferente no contexto dos demais artistas ou da arte mais amplamente ou, como o artista constrói sua marca pessoal (o seu estilo).

O papel da arte na escola é significar e criar oportunidades para o aluno vivenciar experiências criadoras e qualificar o olhar do indivíduo para compreender a individualidade do artista no seu processo de coleta, filtragem e materialização do objeto. Pelos elementos ou signos manifestos no objeto artístico, torna-se possível o leitor estabelecer relações dos signos entre si e deles com outros signos: e do ambiente cultural com a arte mais amplamente.

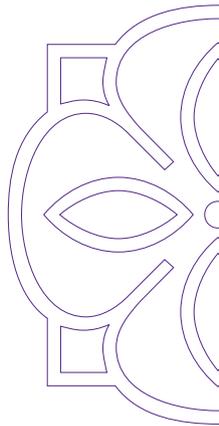
A educação do olhar qualifica o sujeito a ler melhor não só a arte, mas a cultura, capacitando-o a compreender os bens culturais e artísticos que o cercam, em suas diferentes manifestações ou linguagens. Permite ao sujeito estabelecer relações das produções entre si e delas com as demais

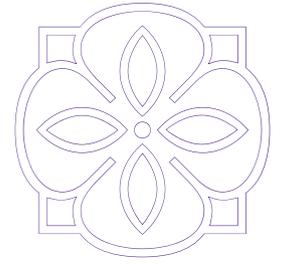
linguagens, ou seja, estabelecer ligações das produções de Artes Visuais entre si e dela com outras formas de manifestações artísticas, a exemplo do Teatro, da Dança e da Música. Cada linguagem tem sua história e sua própria metodologia de ensino, tem os objetivos e conteúdos.

Estamos cercadas pela arte pública (de rua), pela cultura popular, pelas imagens tecnológicas, digitalizadas, impressas, televisivas e pelas imagens eruditas (pelas obras de arte). Vivemos cercados pelas imagens visuais: da internet, da TV, da propaganda, dos outdoors, do bar da esquina, dos jardins, das revistas, das artes visuais, da dança, do teatro, da música, enfim.

Os bens culturais são produzidos pela sociedade e circulam através de vários veículos, sendo disponibilizados ou não à sociedade, mas para que se possa usufruir desses bens é preciso saber lê-los, decifrar, compreender, apreciar, emitir julgamento de valor. É importante ter acesso aos códigos de fabricação e de leitura do objeto e de suas ideologias. Para isso, é importante se entender o contexto em que os objetos são realizados.

O objeto artístico ou científico acumula em si informações. Contextualizar o objeto refere-se a estabelecer relações dele com a História da Arte – com o momento histórico, político, econômico e cultural. Pela leitura e análise do objeto podem-se descobrir os materiais, obter informações sobre valores e costumes de uma época, sobre comportamentos, enfim.





## PROJETO CERRADO

OZULEUDA DE PAULA FELIPE LOPES<sup>1</sup>  
E EQUIPE ESCOLAR

A idéia do projeto surgiu na aula de Ciências, numa turma de 7ª série do noturno, do Colégio Estadual Maria Pereira de Vasconcelos, em Luziânia-GO, cujo assunto era nutrição. Atendendo uma sugestão dos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que era a de fazer uma abordagem sobre os alimentos regionais, preparei uma aula sobre os frutos do cerrado. Percebi o desconhecimento da riqueza desse bioma pelos alunos (a maioria deles é oriunda do nordeste ou do norte do país).

A partir daí, propus aos alunos que conhecêssemos alguns desses frutos e então fizemos uma listagem deles na sala, a partir de alguns poucos nomes que surgiram: pequi, mangaba, guariroba, jatobá...

O segundo passo, então, era a ampliação do conhecimento sobre as riquezas do cerrado. Assim, agendamos uma visita à EMBRAPA CERRADO, em Planaltina-DF, onde além de conhecerem variadas espécies de frutos do cerrado, os alunos foram sensibilizados sobre a importância da sua preservação. Durante a visita, eles foram convidados a fazer dois cursos: “cozinha experimental”, com produtos do cerrado e “construção de viveiros de plantas do cerrado”, principalmente para recuperação de áreas degradadas.

Ao retornarem, os alunos estavam cheios de idéias transformadoras, como a de organizar cursos para pais, professores e outros segmentos da comunidade, e a de visitar o córrego Palmital que, segundo eles, era uma área bastante degradada e que fica bem próxima da escola. Resolvi ir com eles, pois não conhecia o córrego, já que era recém-chegada naquela região.

Fizemos várias visitas ao córrego, sempre acompanhadas de alguns pais e de outros professores da escola. Durante as visitas, ouvíamos dos moradores alguns relatos que revelavam um certo saudosismo do tempo em que o córrego era limpo, sem invasores e com poucos moradores ao seu redor.

Através de uma participação efetiva, os alunos dessa turma conseguiram sensibilizar toda a escola, que se envolveu de forma significativa, realizando palestras sobre o tema e expondo, no mural da escola, comentários e fotografias que demonstravam as condições do córrego e como ele poderia voltar a ser, caso fosse recuperado.

<sup>1</sup> Professora do Colégio Estadual Maria Pereira de Vasconcelos.

Procuramos, ainda, as autoridades competentes e verificamos que algumas delas desconheciam a importância que tinha o córrego responsável pelo abastecimento de água em toda a cidade de Luziânia. Então, resolvemos estabelecer uma parceria com a SANEAGO, empresa responsável pela captação e distribuição de água na cidade e no estado de Goiás, no sentido de sensibilizar a população para a importância da preservação do córrego Palmital.

Alguns dos nossos alunos saíram com os técnicos da empresa, fizeram visitas, participaram de palestras, cursos, mutirões, passeatas, desfiles, feiras agropecuárias... A partir daí, outras parcerias foram surgindo naturalmente: pais, comunidades ribeirinhas, chacareiros, empresas como a MINUANO, BRASFRIGO, SEBBA, MERCADOS, dentre outras, a Prefeitura de Luziânia com projetos sociais, a SUCAM e outras escolas estaduais, municipais e particulares.

Os alunos que mais se empenharam nesse trabalho foram encaminhados para participar do projeto "Agente Jovem", como conselheiros ambientais, ou do projeto "Os protetores da vida", cuja finalidade é sensibilizar a comunidade quanto aos problemas ambientais, apontando-lhe soluções simples para ajudar a melhorar o ambiente em que vive.

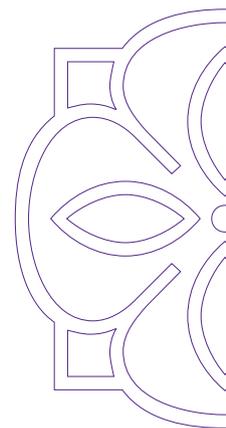
O projeto teve início há quase dez anos e hoje as responsabilidades de cada instituição estão bem direcionadas. À escola coube a responsabilidade de motivar os alunos a desenvolverem ações necessárias à preservação do córrego Palmital e do ambiente em que moram, inclusive com a participação dos pais e comunidade em geral.

Trabalhar com alunos e comunidade escolar, num objetivo comum, buscando atingir o maior número de pessoas possível, é um processo contínuo e, às vezes, demorado. Sem dúvida, foi somente nos últimos dois anos que a proposta obteve resultados consideráveis, quando conseguiu despertar o interesse e o envolvimento da comunidade, de outras instituições e empresas no Projeto.

Inicialmente, o que me levou a propor esse trabalho aos alunos do noturno foi a tentativa de mantê-los na escola, pois o alto índice de evasão nessa turma era enorme. Aproximar ensino e aprendizagem, incentivar os alunos a participarem das minhas aulas, fazê-los interagir com o conteúdo estudado era o meu maior desafio. Vale ressaltar que além da redução significativa da taxa de evasão no turno noturno, houve também aumento no índice de alunos matriculados na escola, nos anos posteriores à implantação do Projeto.

Acredito que foi a forma como os conteúdos foram apresentados que atraiu os adolescentes. As atividades do projeto eram propostas por nós professores a partir de sugestões dos alunos, dos professores e também da participação da comunidade.

Além de todos esses avanços, para mim a maior contribuição desse projeto foi o despertar dos alunos para a leitura, escrita, desenhos, pintura, artesanato; foi presenciar a desenvoltura dos alunos para falar em público, organizar palestras, sensibilizar a população para a possibilidade de se ter uma cidade melhor e de contribuir para a realização desse sonho; enfim, foi ver os meus alunos exercendo, de fato, a sua cidadania.





Percebo que a prática pedagógica desenvolvida por mim e pela equipe do Colégio Estadual Maria Pereira de Vasconcelos, nesse projeto, é bastante coerente com a Proposta da Reorientação Curricular do 6º ao 9º ano, que está sendo discutida na Rede Estadual há dois anos, e que prevê um currículo que valorize a leitura e a produção de textos em todas as áreas do conhecimento, as práticas sociais locais e as culturas juvenis. Os conteúdos trabalhados por nós, além de terem explorado bastante a leitura e a produção de textos, partiram da realidade dos alunos e lhes serviram de base para a conquista de novos conhecimentos. Isso atraiu os adolescentes de tal forma que começaram a participar das atividades propostas pelos professores ou por eles próprios, tendo também a participação da comunidade.

## CERRADO E CIDADANIA

MARC<sup>a</sup> D. GIGONZAC<sup>1</sup>

O projeto **Cerrado**, realizado nos últimos anos pelos educadores do município de Luziânia, apresenta aspectos importantes no que se refere ao trabalho integrado entre educandos e comunidade local, às parcerias realizadas junto às empresas, que resultaram no desenvolvimento de projetos sociais (Agentes Jovens e Protetores da Vida) e ao próprio tema abordado: o relato destaca a importância do estudo do cerrado e dos fatores correlacionados à sua degradação, bem como a necessidade de preservar esse bioma.

O projeto, que desenvolve um tema de relevância regional, possibilitou a integração dos alunos com suas comunidades através do trabalho com o meio ambiente.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho apresenta-se interessante por permitir o desenvolvimento de atividades que possibilitam ao aluno vivenciar realmente o meio em que ele vive e correlacioná-lo com conceitos estudados na área de Ciências. O desenvolvimento de palestras, mutirões e exposições de trabalhos, os cursos de *"cozinha experimental"* e de *"construção de viveiros"* criaram novas experiências e vivências na área.

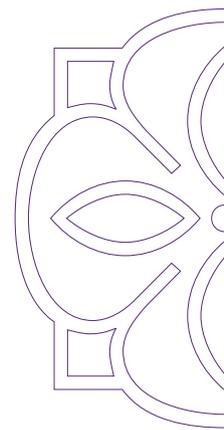
Por outro lado, é importante destacar a metodologia utilizada, relacionada às atividades de campo, como a visitação ao córrego Palmital. Apesar de ser uma atividade relativamente complexa, quanto à organização e desenvolvimento, o relato deixa bem visível que o produto final da metodologia foi relevante na formação dos alunos e no constante redescobrimto do meio que os rodeia.

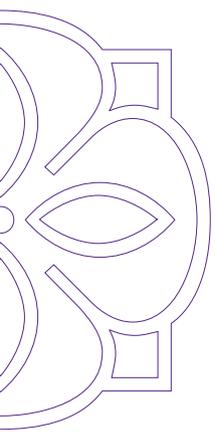
Do ponto de vista pedagógico, o projeto ainda apresentou uma característica importante que foi a diminuição da evasão escolar, resultante da integração dos alunos nos projetos de cunho socioambiental. O trabalho dos alunos foi reconhecido também pelo envolvimento da comunidade que pôde se expressar, sugerir novidades a cada participação realizada e construir novas propostas para alcançar os objetivos traçados.

Espera-se que o presente trabalho tenha um caráter continuado, pois se trata de um conhecimento pouco explorado, do qual milhares de pessoas dependem, direta ou indiretamente, que é o bioma cerrado. Também se torna relevante a interação de outras disciplinas nesse projeto, a fim de desenvolver um trabalho multidisciplinar que possa servir de referência e modelo para outras escolas da rede e incentivar o desenvolvimento de outros projetos similares.

O conhecimento adequado da realidade vivenciada no cerrado poderá permitir a descoberta de novas fontes úteis para o desenvolvimento sustentável da região, gerando nos jovens a consciência da preservação e o uso adequado de recursos. Por outro lado, a retomada de idéias iniciais do

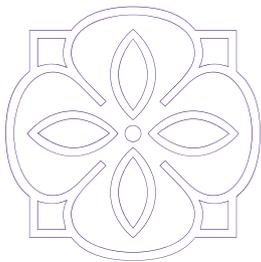
<sup>1</sup> Professor Assistente I de Biologia da Universidade Estadual de Goiás, mestre em Biologia pela UFG e consultor do Projeto Reorientação Curricular/SEEGO





projeto, como a questão da nutrição, fundamental no aspecto do uso de recursos, poderá enriquecer ainda mais os valores já agregados ao presente trabalho.

Assim, a prática relatada a partir do projeto **Cerrado** é extremamente positiva e pode ser desenvolvida em mais escolas, com a criação de metas e diretrizes para focar conteúdos da área e envolvimento social, representando um trabalho viável e de real importância, permitindo verdadeiramente o “resgate do ambiente e do homem que nele vive”.



## FINSOCIAL EM MOVIMENTO

LAVÍNIA CECÍLIA DE OLIVEIRA<sup>1</sup>  
E EQUIPE ESCOLAR

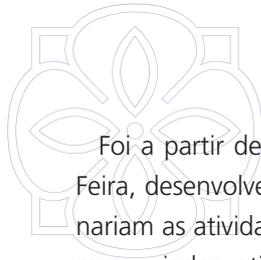
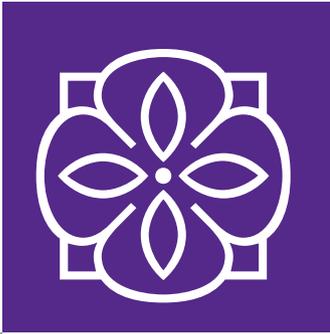
O Projeto Finsocial em Movimento foi desenvolvido durante a VI Feira Científica do Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho, em Goiânia, realizada no mês de novembro de 2005, cujo tema “Setor Finsocial: minha casa, minha rua, meu bairro, minha vida, minha história”, tinha como objetivo principal esclarecer à comunidade escolar sobre a origem e o significado do nome do bairro.

O tema foi escolhido após a Associação dos Moradores realizar um abaixo-assinado para alteração do nome do bairro, alegando que o termo finsocial lembrava a idéia de fim. Percebendo que os moradores reivindicavam a mudança do nome do setor e sentiam receio de divulgar onde moravam, a escola resolveu intervir, pois não era a simples mudança do nome que traria benefícios à população, mas sim a conscientização coletiva de reivindicar e lutar por melhorias no bairro. Assim, surgiu o tema da VI Feira Científica do colégio.

Foi assim que a escola iniciou um estudo sobre a origem do setor e do seu nome para divulgar à comunidade, durante a VI Feira científica. Os professores de todas as áreas do conhecimento empenharam-se nesse sentido, problematizando a questão e relacionando-a com os conteúdos específicos de sua área de conhecimento, mediando conflitos, priorizando nas suas práticas discussões, debates, pesquisas e produções de textos, que possibilitaram uma maior conscientização acerca da problemática, a valorização das culturas local e juvenil, além de contribuírem para o retorno dos alunos evadidos da escola.

Na área de Educação Física, a professora Lavínia Cecília de Oliveira propôs aos alunos de 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental (atualmente 8º e 9º anos) e para todo o Ensino Médio, a realização de pesquisas para identificar quais as possibilidades estruturais que o setor oferecia para a prática de atividades físicas. Após todo um trabalho de campo concluiu-se por meio dessas pesquisas que o local não possuía pistas de caminhadas, quadras esportivas e nem mesmo praças arborizadas que propiciassem momentos de esporte e lazer à população. Sendo assim, os moradores que se interessassem em desenvolver práticas corporais teriam que se matricular em academias, alugar quadras particulares para a realização de jogos ou se deslocar para setores próximos a fim de usufruírem de pistas de caminhada.

<sup>1</sup> Professora do Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho.



Foi a partir desses dados que os alunos dessas turmas decidiram que, durante a Feira, desenvolveriam oficinas de atividades físicas, enquanto outros alunos coordenariam as atividades de contação de histórias, cantinhos de leitura e escrita com temas variados, atividades artísticas diversas, exposições do histórico do bairro, através de vídeos e de canções compostas e interpretadas por moradores pioneiros do setor.

Assim, foram desenvolvidas oficinas de capoeira, dança de salão, *hip-hop*, axé e *gospel* que ofereciam, além das vivências, um breve histórico sobre a modalidade esportiva e seus fundamentos essenciais.

Essas atividades foram sugeridas pelos próprios alunos que se subdividiram em vários grupos, tanto para a organização do evento, quanto para a participação efetiva como monitores das atividades durante as oficinas.

O Projeto recebeu o nome de “Finsocial em Movimento”, pois todos os que visitavam a Feira puderam se inscrever para participar das diversas oficinas, desde as 8h até as 20h, intercalando-se nas diversas modalidades, que tinham um número limitado de participantes, agendados anteriormente pelo grupo responsável pelas inscrições. Um outro grupo responsabilizou-se pela divulgação feita através de cartazes e também pela rádio da escola.

Uma regra comum a todas as oficinas era a efetiva participação em todas as atividades desenvolvidas.

O grupo de alunos que desenvolveu esse trabalho conseguiu transmitir aos demais colegas como seria a sua realização, com o estabelecimento de regras, senso de coletividade, solidariedade e valorização dos participantes da comunidade que também possuíam muito conhecimento acerca dos temas trabalhados.

O grupo docente contribuiu bastante com sugestões, orientações e também efetivo trabalho durante a realização das oficinas.

A participação da comunidade no evento superou as expectativas da equipe escolar. Visitaram a Feira, além dos professores, funcionários e os alunos frequentes, os alunos evadidos que se sentiram acolhidos pela escola, alunos dos colégios vizinhos, pais de alunos e várias pessoas da comunidade. Houve boa repercussão em todo setor, cujos moradores se sentiram beneficiados não só com as atividades que puderam desenvolver, mas principalmente com o conhecimento que lhes foi propiciado.

A Feira, que foi um marco na vida de cada participante, foi registrada por meio de fotos, relatórios e reivindicações dos moradores, encaminhadas às autoridades competentes. Vale ressaltar que o seu principal objetivo foi alcançado, pois os moradores mais conscientes de que a cidadania é conquista de muita luta, trabalho e reivindicações coletivas - que vão além de uma simples mudança de nome - passaram a valorizar o Setor Finsocial que não teve o seu nome alterado.

Outro avanço percebido após a realização da Feira foi o acompanhamento sistemático aos alunos que retornaram, realizado pela equipe escolar, de maneira a contribuir para a permanência dos mesmos na escola, que já possui um ambiente bastante agradável.

Durante o ano de 2005, as oficinas não tiveram continuidade, porém a escola continuou propondo outros tipos de atividades atrativas como: projetos variados, gincanas culturais, entre outros eventos para envolver toda a comunidade escolar.

No final deste ano a escola pretende desenvolver novamente as oficinas realizadas na VI Feira Científica, a pedido da comunidade local, que avaliou muito positivamente o evento.



### FINSOCIAL: MINHA CASA, MINHA RUA, MEU BAIRO, MINHA VIDA, MINHA HISTÓRIA.

NIVALDO ANTONIO N. DAVID <sup>1</sup>

A realização do projeto *Finsocial em movimento* durante a semana pedagógica do Colégio Ary Ribeiro Valadão Filho, em novembro de 2005, dentro da temática: *Setor Finsocial – Minha casa, Minha rua, Meu bairro, Minha vida, Minha história* demonstra aos educadores e pesquisadores comprometidos com mudanças na educação, o quanto uma ação deste tipo faz-se necessária e oportuna para a escola no sentido de interagir e responder aos anseios de sua comunidade. Demonstra ainda, o quanto podem ser simples os processos comunicativos da escola com o seu meio, quando se busca construir ações concretas e efetivas no trato dos interesses comuns. É sempre bom lembrar que a escola, mesmo sendo determinada por seu contexto sociocultural e econômico, não é nem será uma ilha, pois não está desconectada do mundo e não se materializa sem a presença dos professores e alunos. São exatamente estas as características principais que a tornam um espaço de conflitos, de interesses e de poder podendo, portanto, contribuir objetivamente na mudança de si e de seu próprio meio.

Este relato prova que as temáticas construídas pelo coletivo da escola podem dar respostas a determinados problemas, refletir sobre certos acontecimentos presentes na vida cotidiana e estabelecer diálogos férteis no sentido de promover trocas de saberes e experiências por parte dos alunos, professores e da comunidade acerca de questões que envolvem interesses coletivos. Trabalhar a conscientização dos alunos e da comunidade, que se mostravam insatisfeitos com o nome dado ao setor, tornou-se um dos objetivos estratégicos para transformar contestação em potencial educacional transformador, voltado para a melhoria estrutural do setor e das condições de vida da população.

Outra questão que nos chamou a atenção nesta experiência e que julgamos positiva foi o envolvimento de todas as áreas do conhecimento escolar “{...} *provocando e mediando conflitos, incluindo durante as aulas maiores práticas de produção de textos, discussões, debates e pesquisas no sentido de promover tal conscientização acerca da problemática, valorizando a cultura local e juvenil; aproveitando para resgatar alunos já evadidos da escola.*” Isto prova o que todos os educadores progressistas já vêm defendendo há tempos, qual seja: não existe conhecimento específico presente na cultura escolar, mesmo aquele mais abstrato, que esteja desarticulado da vida social, e assim sendo, todos são potencialmente capazes de estabelecer nexos com a cultura e estarem presentes na vida dos alunos e de sua comunidade local. Isto mostra também que muitas das vezes as questões sociais não se prendem unicamente a um campo de saber, ou não se relacionam imediata ou diretamente com os conteúdos da cultura escolar, mas certos tipos

<sup>1</sup> Professor de Educação Física/UFG – Mestre em Educação Física, especialista em aprendizagem escolar, currículo e formação de professores e consultor do Projeto Reorientação Curricular/SEEGO.

de atividades da vida social podem desencadear forças motivadoras de grande significado educacional e social para os alunos e conseqüências inovadoras para a construção do saber.

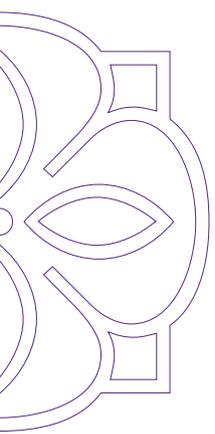
No caso da Educação Física, diagnosticar a realidade por meio de procedimentos investigativos foi uma iniciativa extremamente válida e de suma importância para a formação educacional dos alunos, em especial porque entendemos que educar pela pesquisa, além de desenvolver, aguçar e estimular o olhar investigativo sobre os novos desafios acerca do desconhecido, trata-se de uma atividade que instrumentaliza os alunos nos processos de sistematização e organização dos dados da realidade. Este é um procedimento educacional que possibilitará aos alunos a formação de atitudes investigativas necessárias ao próprio ato de conhecer a sua realidade social, cultural e política. Quando os alunos agem no sentido de identificar a existência ou não de equipamentos e espaços disponíveis para a prática da educação física, esporte e lazer na sua comunidade, como foi o ocorrido nesta experiência, outras questões emergem passando a assumir destaque dentro da ordem social, política, cultural e econômica onde vivem, ampliando assim o universo de conhecimentos dos personagens envolvidos na ação.

O exemplo disto pode ser percebido com os resultados do pequeno diagnóstico realizado, o qual indicou ser o setor um lugar carente de espaços, equipamentos, oportunidades de participação e sobretudo, de precárias condições financeiras que impunham aos moradores restrições ao acesso dos bens culturais, esportivos e de lazer. Para a escola, além da apropriação dos dados da realidade (relatórios, informações, registros, história social) possibilitou-se aos alunos a implementação de atividades de pesquisas que geraram ações políticas reivindicatórias fazendo valer os direitos sociais (cidadania) dos moradores: *“os próprios alunos participantes desse projeto [conscientes destes problemas] decidiram realizar durante a Mostra Pedagógica várias oficinas de atividades físicas para que os moradores tivessem acesso a atividades diversas: capoeira, dança de salão, hip hop, axé e gospel”* entre outras atividades artísticas e culturais, inclusive aquelas que envolviam a leitura, a escrita e cantinhos com temas diversificados.

Este tipo de socialização do saber, desenvolvido por uma determinada disciplina curricular (educação física) e as relações que se estabelecem com as manifestações culturais integradas aos seus conteúdos, produzem efeitos importantes no âmbito da interação escola-comunidade, acesso aos saberes por todos os envolvidos e aproximações objetivas entre os principais atores educacionais e comunitários assegurando, como conseqüência disso, maior legitimidade no processo educacional. É por meio destas iniciativas construídas nas disciplinas curriculares que irá se formar aquilo que chamamos de cultura escolar e/ou a singularidade da escola no lugar em que se situa culturalmente.

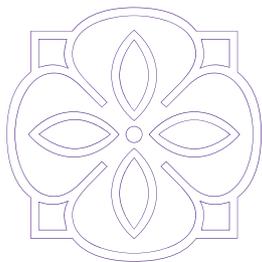
Do ponto de vista metodológico, acreditamos que a experiência realizada se aproxima muito do modelo que defendemos para a educação física escolar, principalmente porque o tratamento dado aos elementos da cultura corporal (ginástica, dança, esportes, lutas, jogos, ritmos, etc.) deu-se sob a forma de temáticas geradoras, nas quais o professor, ao transmitir os saberes próprios da área, o fez ensinando, construindo e reconstruindo historicamente os traços culturais significativos dos conteúdos. Para nós, o processo de tematização de conteúdos deve preservar a sua especificidade (aspectos que diferenciam uma das outras disciplinas), mas e ao mesmo tempo, estabelecer inter-relações e diálogos com a ciência, cultura e sociedade.





Gostaríamos de salientar que este tipo de experiência educacional e pedagógica deve ser realizado de forma constante, superando certos tipos de eventos em que a escola, quase que obrigatoriamente, deve se envolver com a comunidade. Os saberes escolares precisam ser tratados de forma permanente e dinâmica, indo e vindo do campo menos elaborado para o mais elaborado do conhecimento humano, da reflexão para a prática e da prática para uma nova reflexão.

Para concluir, ressaltamos que os saberes que integram a cultura corporal presentes na cultura escolar devem ser compreendidos pelos educadores como um direito social do aluno, não em seu sentido conservador e tradicional, mas de uma maneira diferente, reconstrutiva, crítica e criativa durante o processo de aprendizagem do aluno em seu percurso educacional. As salas de aula e os demais espaços educativos da escola precisam estar abertos a novas experiências, novas vivências, novos desafios e novas possibilidades de lidar com o corpo visando assegurar ao aluno a compreensão de suas diferentes dimensões e significados. São perspectivas que devem auxiliar os alunos a perceberem o lugar que cada um ocupa no mundo, a singularidade do corpo que possuem, a sua responsabilidade na auto-educação corporal e o papel que deve desempenhar na construção da autonomia do sujeito-cidadão.



## O ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA SOCIAL NO MUNICÍPIO DE OUVIDOR

MÁRCIO GREIK VIANA, RENI MARIA JACOB, ELÍCE TORQUATO  
BALBINO, MARA HELENA BATISTA MACHADO DE SALES<sup>1</sup>

**A**s práticas docentes referentes à disciplina de Geografia desenvolvidas no Colégio Antônio Ferreira Goulart (CEAFEG), de Ouvidor-GO, podem, em seu conjunto, ser agrupadas sob o título: Geografia e Meio ambiente. Trata-se de experiências bem sucedidas que deram um sabor especial ao processo de ensino-aprendizagem nesta unidade escolar.

Os trabalhos envolveram todos os professores de Geografia e todas as turmas do 6º ao 9º ano e tiveram como principal escopo levar os alunos a pensarem criticamente a apropriação humana no espaço geográfico de seu município, a partir de um enfoque ambiental, propiciando condições aos alunos-cidadãos de agirem sobre os problemas detectados.

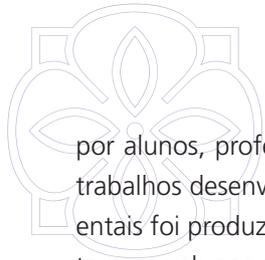
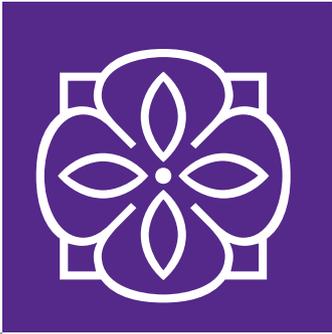
Dentro dessa perspectiva, foram várias as temáticas que deram cor e vida às aulas de Geografia e criaram no CEAFEG a idéia de aproveitar as datas comemorativas sugestivas e pertinentes, bem como as problemáticas locais para a promoção de discussões e produção de trabalhos. Assim, tornou-se uma característica do trabalho pedagógico desse colégio as experiências nascerem de datas evocativas ou de problemas vivenciados pela comunidade e que se relacionam com a natureza curricular da disciplina.

Um outro objetivo implícito a tais práticas foi fazer de todo o município de Ouvidor uma grande sala de aula e, num sentido mais prático, um rico laboratório de geografia, onde os alunos pudessem ver e vivenciar vários conceitos da disciplina relacionando-os ao mundo em que vivem e ao espaço de cada um.

Foi assim que se desenvolveu um dos projetos mais extensos, o projeto “Água; fonte de vida a ser preservada.” Nas salas de aula, discussões, textos e cartazes formaram a pauta que ia se concretizando a partir da interação dos alunos com o tema. À medida que os mesmos foram a campo para observação do córrego Lagoa (que abastece a cidade) e da sede da Saneago do município, o processo foi sendo impregnado de sentido para eles.

A geografia encontrou na arte uma grande aliada na preparação de cenários e ambientes e na criação de uma peça teatral. Até a composição de músicas entoadas

<sup>1</sup> Professores do Colégio Estadual Antônio Ferreira Goulart.



por alunos, professores e amigos da escola, que deu origem a um CD, marcou os trabalhos desenvolvidos no CEAFEG. Este CD com músicas abordando temas ambientais foi produzido com a orientação da professora de Ensino Religioso, que solicitava aos alunos a escrita de canções as quais eram reescritas, selecionadas e posteriormente gravadas em estúdio.

No início desse projeto, os professores de Geografia levaram temas provocativos sobre a água e criaram um ambiente favorável à discussão o que gerou demanda a uma pesquisa bibliográfica maior. Nessa etapa inicial, o espaço da sala de aula foi importante para a exposição dos temas, para as discussões aluno-aluno e aluno-professor e para a leitura dos diversos livros preliminarmente selecionados na biblioteca e disponibilizados nas aulas, bem como pesquisa no laboratório de informática.

Após esse momento rico de interação com o tema proposto, aventuraram-se a produzir uma primeira escrita sistematizando, por meio de textos e cartazes, os conhecimentos aprendidos relacionados aos problemas e ameaças que se associam à temática da água. Portanto, até ao que ora se descreve, os educandos trabalharam a partir do que tinham pesquisado e vivenciado nos espaços escolares.

Num segundo momento do projeto Água, os alunos foram conduzidos, às margens do córrego Lagoa, em locais previamente definidos, onde puderam perceber as conseqüências da ação exploratória e indiscriminada do homem sobre as margens desse córrego, observando, por exemplo, voçorocas, descargas de restos de chiqueiros e outros problemas. Após conhecerem um pouco da situação do córrego que abastece a cidade, foram conhecer a sede da Saneago do município, onde observaram o processo de purificação da água e fizeram vários questionamentos aos técnicos em relação ao trabalho da Saneago e à qualidade da água.

Foi nessa segunda etapa que houve um envolvimento maior e mais espontâneo do grupo com o tema, pois foi possível fazer uma viva associação entre os conhecimentos já aprendidos na escola e a realidade do município. O grupo, orientado sobre o que observar e registrar em relação à paisagem, coletou diversas e importantes informações que seriam utilizadas em estudos posteriores.

Depois de realizado o trabalho de campo e de posse de informações originadas de fotos, apontamentos e impressões pessoais, os alunos, de volta à sala de aula, reescreveram os seus textos, corrigindo-os e agregando as informações locais sobre a temática discutida. O projeto Água estava, portanto, ganhando várias formas para ser apresentado à comunidade, e dentre elas uma peça teatral foi montada com cenário e texto preparados pelos alunos e professores.

A interdisciplinaridade ocorreu de fato, envolvendo várias áreas do conhecimento e desse trabalho surgiram parcerias com a iniciativa privada: Rádio Comunitária de Ouvidor, Rádio Cidade FM de Ouvidor, Copebrás e outros órgãos públicos: Saneago, Prefeitura Municipal de Ouvidor, Câmara Municipal de Ouvidor e UFG/CAC.

Devido às parcerias, o projeto ganhou uma maior visibilidade e envolvimento comunitário. A discussão da temática ao final desse projeto em específico, na Câmara Municipal, num ato público que reuniu a comunidade escolar, a comunidade

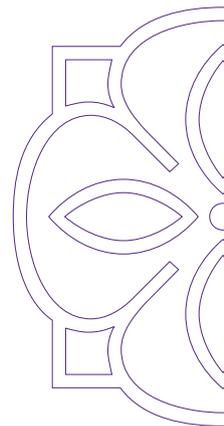
local, representantes políticos do município e da Universidade Federal de Goiás, foi uma prova disso.

Mas para além desse amplo envolvimento comunitário que tal ato público proporcionou, a constatação de que para muitos alunos aquela era uma primeira oportunidade de participarem de uma discussão pública sobre um assunto real e local sagrou-se ainda mais meritória. Isso se evidencia, uma vez que a formação de cidadãos, ou o seu amadurecimento, faz-se em momentos como estes, em que há o debate sobre questões amplas que dizem respeito a todos.

Assim, pode-se afirmar que no desenvolvimento de todo esse trabalho houve envolvimento dos alunos que demonstram espontaneidade e iniciativa. Esse engajamento revelou a eles a possibilidade de conhecer, questionar e propor novas alternativas ao seu espaço imediato de vivência por meio do estudo da Geografia.

As experiências de ensino que se desenvolveram e ainda se desenvolvem neste colégio conseguem atingir os objetivos propostos na medida em que os conteúdos curriculares não se desmancham no ar, mas se concretizam ganhando cor, som, forma e imagem. E os educandos compreendem que eles não estão apenas estudando Geografia, mas, também, fazendo geografia.

Desse modo, os alunos conseguiram entender com autonomia crítica que o homem, ao ocupar o espaço geográfico, imprime nele suas digitais e determina o futuro da natureza e, portanto, das gerações vindouras que o habitarão. E, a par desse aprendizado, perceberam que todos somos responsáveis pelos problemas que afligem nossas comunidades e se conscientizaram de seu potencial como cidadãos para agirem em busca de alternativas ambientalmente seguras.



**O SABER GEOGRÁFICO NÃO SE  
DESMANCHA NO AR**

EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO<sup>1</sup>

A interpretação do Relato de Prática de Geografia, a partir do projeto “Geografia e Meio Ambiente – Água: fonte de vida a ser preservada”, desenvolvido no Colégio Antônio Ferreira Goulart (CEAFEG), de Ouvidor-Go, requer que, de início, se estabeleçam os pressupostos teóricos e pedagógicos que nortearão a sua leitura.

Mais que isso: é necessário que se compreenda que aquele que olha não apenas emana luz ao objeto olhado, mas carrega no modo de olhar elementos culturais e simbólicos que se constituem como ponte para a interpretação. Está colocado, então, o nosso “olhar geográfico” fundado nos princípios amplamente debatidos entre professores da rede pública do Estado, profissionais do CENPEC, da SUEF e da UFG.

Estes princípios, por certo, respondem ao modo como lemos o lugar da escola pública e suas funções na sociedade contemporânea. Respondem, também, pela concepção política dos agentes que os criaram – e o seu senso de responsabilidade diante do ensino e da formação escolar.

“Como o ensino de geografia pode contribuir com a formação humana integrada em meio às contradições e às possibilidades do mundo contemporâneo?” Esta é uma das perguntas cruciais que balizam a proposta de Reorientação Curricular/2006 – 6º ao 9º ano.

Dessa pergunta decorrem os princípios, os instrumentos e as concepções que unem a geografia, como um campo específico de saber e a sua inserção na educação escolar. Pedagogizar o geográfico e geografizar o pedagógico significa, hoje, estender-se num conjunto de práticas e concepções que consideram:

- a relação da escola com o local na qual se insere mediante programas de intercâmbios, ações de cooperação, trabalhos de interpretação do papel das instituições sociais e de poder;
- a formação do aluno correlata ao perfil e aos dilemas do adolescente e da juventude historicamente constituída;
- o diálogo entre escola e a família como elo gerador da ética, da responsabilidade e do senso de justiça do aluno;
- a construção e assimilação das categorias e dos conceitos geográficos correspondentes à cultura local e aos problemas do mundo contemporâneo;
- o uso de novos recursos didático-pedagógicos mobilizando a criatividade, a sensibilidade e a emoção como componentes da formação;
- a efetivação de eventos que se ocupem de discutir temas universais e problemas locais politizando a leitura da realidade,

<sup>1</sup> Professor Doutor em Geografia pela USP/Professor Adjunto do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG e consultor do Projeto Reorientação Curricular/SEEGO.

- a ligação entre escola, cultura e realidade social.

A par desses princípios cabe oferecer pistas do modo como o objeto de estudo e de investigação do saber geográfico norteia a ação do ensino. Pode-se dizer que, tal como afirmou Milton Santos em suas últimas obras e palestras, há uma questão territorial na vida humana que é atravessada pela sociedade global, pelo modelo de mundo que se edificou na era moderna e se consolidou, agora, a partir de vetores da ciência, da técnica e da informação.

Uma análise do espaço contemporâneo nos faz perceber que a natureza é reinventada em laboratórios; as cidades são decididas nos gabinetes das imobiliárias; a água é disputada pelas instituições de comando e tornada um assunto geopolítico e jurídico; a riqueza do subsolo acende o fogo dos mísseis em diversas guerras geopolíticas; morar tornou-se uma utopia; deslocar-se é engendrar o corpo em riscos fatais; os lugares são contaminados por signos alhures; e o mundo pode se esconder invisível dentro de nossa mala que carrega o “laptop”.

A par da consciência da realidade territorial do mundo contemporâneo e do modo como essa realidade desafia o ensino-aprendizagem em geografia, podemos propor uma leitura do projeto “Geografia e Meio Ambiente – Água: fonte de vida a ser preservada” e transformá-la num motivo para enriquecer um diálogo sobre a construção de possibilidades pedagógicas que poderão ser feitas na relação entre geografia, ensino-aprendizagem, escola e comunidade.

A ação desenvolvida na experiência narrada, ao conectar geografia e meio ambiente, tomando uma de suas variáveis mais importantes – a água – e gerando um sentido político para a ação mediante a idéia de “preservação”, torna-se sugestiva para articular escola e comunidade assegurando o sentido político desse saber.

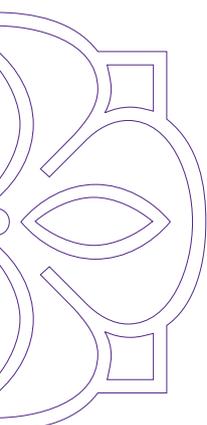
Convém assinalar que o desenvolvimento do projeto, reunindo alunos, professores de outras áreas de conhecimento, intelectuais de universidade e agentes comunitários do local, faz com que a escola abrace o lugar, interfira nele e se abra para que ele interfira nela. Ouvir as diferentes vozes do lugar em que se insere e, por intermédio do projeto, alçar a sua voz sobre os problemas que o afligem, gera uma consistência da instituição e reforça o papel do saber geográfico na formação da cidadania.

A relação entre realidade local e escola mediada pelos conhecimentos escolares e representada pela montagem de peça teatral, confecção de cartazes corresponde à idéia de escola-ação, que se abre para aprender com o real e se torna um componente da construção de novas sensibilidades dos indivíduos que atuam nele. Fora isso, exige esforços para encenar a criatividade como móvel da prática cognitiva, especialmente unindo arte e aprendizagem, cultura e saber, suor e alegria.

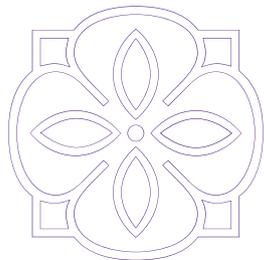
Como se vê, o saber geográfico pode ter um importante papel na afirmação da escola contemporânea em sua relação com o lugar. Práticas de campo, de vivência, de intercâmbio, assim como a realização de gincanas pedagógicas, elaboração de gibis ambientais, documentários, CDs, além de envolver mais o aluno como sujeito da aprendizagem, assegura uma consciência básica que advém da teoria geográfica: a espacialidade é uma construção social dentro da qual se move a vida, a cultura e história humana.

Por fim, a idéia de que o aluno, através do projeto não está apenas estudando geografia, mas fazendo geografia, é consoante ao que se compreende como papel desse saber: mobilizar o pensamento para compreender o espaço e nele agir com lucidez histórica.





Tal como está enunciado no projeto “As experiências de ensino que se desenvolveram e ainda se desenvolvem neste colégio conseguem atingir os objetivos propostos na medida em que os conteúdos curriculares não se desmancham no ar, mas se concretizam ganhando cor, som, forma e imagem”, respondem que o ensino de geografia não apenas lê o real, mas interfere nele. E cabe ressaltar a importância da continuidade de práticas pedagógicas dessa natureza, permeadas por um processo de ação – reflexão – ação que propicie aprendizagem para todos: alunos e professores.



## CONHECENDO E VALORIZANDO NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL

ADONIAS MARTINS DE SOUSA,  
ALZIMAR PEREIRA DA SILVA,  
EDLAINE GOULART DE SOUSA<sup>1</sup>  
E EQUIPE ESCOLAR

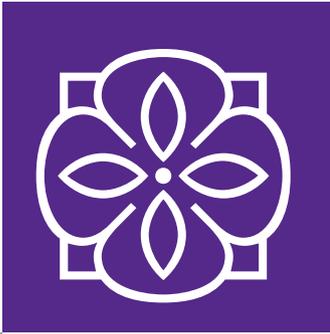
O relato a seguir é um resumo do projeto de aula de campo, realizado no dia 30 de maio de 2005, nos sítios arqueológicos localizados no município de Palestina de Goiás, com a turma da 5ª série do Ensino Fundamental, turno vespertino do Colégio Estadual Francisco Modesto da Silva de Montes Claros de Goiás.

Ao estudarmos a Pré-história, no capítulo 2 do livro didático Nova História Crítica, de Mário Schmidt, despertamos para a elaboração de um projeto de aula de campo com os nossos alunos, que contemplasse o tema em questão. Já era de nosso conhecimento a existência de sítios arqueológicos no município de Palestina de Goiás, nos quais há uma grande variedade de pinturas rupestres semelhantes às mostradas no livro didático.

Como professores, acreditamos que o ensino pode favorecer a formação de cidadãos que assumam formas de participação social, política e atitudes críticas diante da realidade atual, aprendendo a discernir os limites e as possibilidades de sua atuação. Essa intencionalidade do ensino contribui para se formar cidadãos conscientes e críticos da realidade em que estão inseridos, e se faz necessária para que as pessoas se humanizem com a problemática e os anseios individuais, de classe e de grupos – local, regional, nacional e internacional, para que persigam a cidadania como prática e ideal de vida e percebam as diferenças do significado de cidadania para os diferentes povos. O ensino é um dos elementos fundamentais para a construção da cidadania; é através dos vários saberes que se estuda o passado, se busca compreender o presente e se criam inovações para o futuro.

Ao visitarmos os sítios com os nossos alunos, esperávamos dar-lhes oportunidade de conhecer os registros (imagens) de nossos antepassados e relacioná-los ao presente. Ao fazer comparações com as imagens vistas nos sítios e as encontradas em outros continentes (Europa, África), em outros países (França, Alemanha) e em outros estados (Piauí, Maranhão), os alunos poderiam conhecer com mais propriedade as semelhanças e diferenças, mudanças e permanências e a simultaneidade entre os fatos, bem como a diversidade de povos distintos.

<sup>1</sup> Professores do Colégio Estadual Francisco Modesto da Silva – Montes Claros de Goiás. Contou ainda com o apoio da direção, coordenação e representantes dos pais.



Acreditávamos que a visita aos sítios provocaria em nossos alunos a percepção do elo de ligação entre o passado e o presente, através dos diferentes registros e vestígios deixados pelos nossos antepassados e com isso despertaria o interesse pela valorização de nosso patrimônio cultural, o que realmente ocorreu.

O desafio maior era saber se o projeto agradaria aos nossos alunos, se os objetivos seriam alcançados e como seria mantê-los em um ambiente tão diferente da sala de aula, mas era um desafio que nós professores estávamos ansiosos para enfrentar.

O projeto foi elaborado pelos alunos, professores de História, Geografia e de Arte. Contou ainda com o apoio da direção, coordenação e representantes dos pais.

Após a elaboração do projeto, convidamos os pais, a coordenação e direção da unidade escolar para uma reunião, onde fizemos uma breve exposição do mesmo, utilizando transparências com fotografias e imagens do local. Mostramos, assim, a importância da sua execução.

Com a aprovação e já com as autorizações dos pais em mãos, partimos para a contratação do transporte, restaurante e do guia. Combinamos a data e horários para a execução da proposta.

Sáímos no dia, local e horário estabelecidos no projeto, com a presença de 16 alunos, 3 pais de alunos, coordenadora e diretor da unidade escolar. No percurso os alunos demonstravam uma curiosidade imensa em conhecer as cidades e os sítios arqueológicos, o que não demorou muito a se concretizar, pois chegamos no horário planejado.

No local, reunimos os alunos para uma breve conversa sobre o que é um sítio arqueológico, os cuidados a serem tomados em relação ao contato com as plantas, com os seixos, com as pinturas, ressaltando que as mesmas jamais deveriam ser tocadas, pois o contato pode provocar danos à sua preservação. Destacou-se a importância da preservação dos sítios, que são patrimônios culturais da humanidade e a importância de contarmos com um deles em nosso Estado. São fontes históricas de milhões de anos, registros de nossos antepassados que o mundo inteiro gostaria de ter, seja como objeto de estudo, seja como patrimônio cultural. Por isso devemos nos orgulhar deles e mais do que isso, devemos preservá-los.

Em contato com as pinturas, os alunos revelaram-se verdadeiros intérpretes, pois cada um queria se manifestar em relação às imagens (aves, peixes, animais, figuras humanas...), chegando à conclusão de que são representações de animais existentes na região, os quais eram caçados por nossos antepassados. Procuramos visualizar todas as pinturas à medida que nos aproximávamos delas. O guia descrevia as imagens e os alunos se entusiasmavam com o desenrolar das cenas por eles imaginadas.

Algumas cenas detectadas levavam-nos a várias interpretações, pois poderiam representar uma festa, um ritual religioso, nascimento, ou morte, oferenda pelos animais abatidos ou pescados, ou sacrifício para melhores oportunidades.

Todos se posicionavam eufóricos para os registros fotográficos e faziam poses para as filmagens. Alguns tentavam reproduzir as cenas em seus registros, outros solicitavam maiores explicações das pinturas ao guia e aos professores.

Depois de horas de registros e observação dos sítios, tivemos um momento de

descanso ao lado de uma enorme rocha com algumas árvores bem grandes sobre a mesma, revelando um espetáculo da natureza. Naquele momento, o professor de Geografia aproveitou para falar sobre a formação rochosa e a vegetação do lugar, destacando as árvores frutíferas da região, os animais e os rios mais próximos. Enquanto isso foi distribuído um lanche para os alunos.

Em seguida retornamos para o ônibus e fomos para Palestina de Goiás, onde almoçamos. No restaurante, enquanto almoçávamos, ouvíamos várias histórias relacionadas às imagens e alguns se aventuravam a representá-las com gestos e cenas.

No caminho de volta passamos por uma cachoeira onde os alunos se refrescaram, tomando banho em uma bela piscina natural com queda d'água de 30 metros de altura, aproximadamente.

Em sala, após a aula de campo, partimos para o material didático, livros, transparências e fotografias, que ajudaram os alunos a descreverem as imagens, relacionando-as com as dos sítios arqueológicos visitados. Em seguida assistimos ao vídeo da aula de campo e solicitamos aos alunos um relatório de todo o desenvolvimento do projeto e a importância do mesmo.

Com os relatórios em mãos percebemos que alcançaram os objetivos propostos no projeto e que os recursos utilizados foram favoráveis para que conseguissem sucesso na aprendizagem de conhecimentos relacionados à pré-história e à valorização de nosso patrimônio histórico nacional.

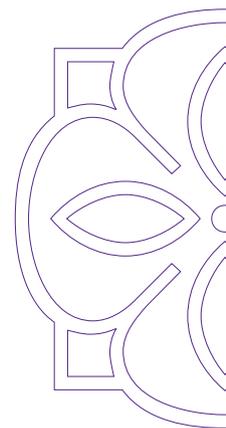
Após a leitura dos relatórios propusemos a reescrita dos mesmos com algumas correções ortográficas e a seqüência lógica das idéias. O segundo texto produzido serviu como avaliação da prática pedagógica utilizada e dos recursos disponíveis que temos.

Na área de Arte, fizemos a socialização dos registros e observações dos alunos, a leitura formal, interpretativa das imagens fotografadas e reproduzidas em transparências, bem como a contextualização e o estudo sobre as pinturas rupestres locais e de outras regiões.

Trabalhamos com produções individuais dos alunos que deixaram sua marca pessoal e única nas imagens reproduzidas na pedra sabão e nas histórias em quadri-nhos referentes ao período histórico estudado.

A aula de campo, além de ter contribuído para o resgate de costumes e práticas culturais; para a valorização do patrimônio cultural de nossa região e de toda a humanidade, contribuiu também para melhorar o relacionamento entre os alunos e os professores e para a freqüência e aprovação da turma. Os alunos envolvidos no projeto passaram a freqüentar mais a escola e a participar das aulas com maior interesse. Nessa turma não houve reprovação, pelo contrário, o crescimento foi notável em todas as disciplinas.

A execução desse projeto revelou-nos que, a partir de metodologias novas, da diversificação de nossas aulas, contribuímos para a permanência dos alunos na escola, evitando a evasão. Assim que os alunos passam a gostar das aulas, eles se esforçam para estarem presentes na escola; isso ficou claro com a realização desse projeto.



### APRENDENDO COM O PASSADO

ADRIANE ÁLVARO DAMASCENA<sup>1</sup>

MÁRCIA VIEIRA ANDRADE<sup>2</sup>

WILMAR ALVES DA SILVA<sup>3</sup>

A escolha do projeto “Conhecendo e valorizando nosso patrimônio cultural” do Colégio Estadual Francisco Modesto da Silva, localizado no município de Montes Claros de Goiás, foi, em certa medida, uma surpresa por ser um relato de um trabalho relacionado à Pré-História. Certamente a escolha desse relato, feita no encontro de formação da Reorientação Curricular, revela a superação de uma antiga hierarquia que era a diferenciação entre História e Pré-história (arqueologia) sendo esta última vista como disciplina auxiliar.

É possível pensar em duas possibilidades que fundamentam a escolha do relato de prática em questão. Uma é a crescente expansão das pesquisas na área da Pré-história, inclusive em Goiás; outra é a valorização e o reconhecimento do patrimônio histórico por parte da população de uma maneira geral.

O referido trabalho é inovador e relevante em vários sentidos. A equipe de professores do Colégio Estadual Francisco Modesto da Silva realizou, com a viagem, uma espécie de rito de passagem com os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, contribuindo, assim, para a consolidação da sua autonomia como indivíduos e como cidadãos. Outro elemento que merece destaque é o movimento de integração proporcionado pela visita ao sítio arqueológico, que contou com a colaboração dos professores, da direção, dos pais e dos alunos, num exercício pleno de gestão participativa, e numa compreensão democrática, tanto de saberes quanto de poderes, imprimindo uma ação em que todos são responsáveis no processo educativo. Há também nessa experiência a possibilidade de integração mais objetiva que é a do aluno com o conhecimento, proporcionado pelo contato direto com o objeto de estudo.

De acordo com o exposto no relato, o livro didático foi apenas o ponto de partida para o estudo em questão. Os educadores o utilizaram como referência e não como verdade absoluta ou mera repetição e visão única dos conteúdos, o que contribui para uma prática pedagógica efetiva de expansão do conhecimento para além do livro didático que aparece nessa experiência como princípio e não como um fim.

O trabalho com projetos e a persistência em desenvolver um trabalho interdisciplinar funcionam como importantes suportes que fundamentam uma prática mais dinâmica e, em certa medida, desafiadora, tendo em vista as inúmeras dificuldades enfrentadas no dia-a-dia da sala de aula.

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela UFG. Professora Formadora da Superintendência do Ensino Fundamental/SEE-GO.

<sup>2</sup> Pós-graduada “latu sensu” em Estudos Regionais pela UCG. Professora Formadora da Superintendência do Ensino Fundamental/SEE-GO.

<sup>3</sup> Pós-graduado “latu sensu” em Formação Socioeconômica do Brasil/UNIVERSO. Professor Formador da Superintendência do Ensino Fundamental/SEE-GO.

Para ampliar essa prática, sugerimos uma troca de experiência maior entre os educadores da regional de Iporá, em seus grupos de estudos, e a sua ampliação para as demais áreas do conhecimento e unidades escolares.

A equipe de professores foi muito feliz na escolha da visita ao sítio arqueológico, que possibilitou o importante movimento entre o universal e o particular, partindo da realidade local do aluno, criando um clima de aprendizagem contextualizada e, portanto, significativa; proporcionou aos alunos meios concretos (resgate e valorização da cultura local) de fazer a ligação entre passado e presente, bem como a possibilidade de relacionar semelhanças e diferenças, permanências e mudanças, tempo histórico e simultaneidade, conceitos organizadores da área de História.

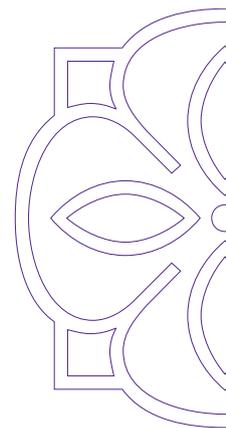
A referida aula de campo além de romper com as barreiras do espaço físico escolar, introduz uma nova compreensão do documento histórico, para além do documento escrito. Vislumbra a cultura material através do reconhecimento de material lítico e cerâmico, como um importante aporte no entendimento de nossa História, quando abre a perspectiva de ver as pinturas rupestres como “conteúdos de memória”, contribuições próprias das tradições orais nas quais se criam outros meios de preservação da memória.

É por meio das pinturas que se revelam narrativas, uma vez que elas são uma das principais fontes de informações sobre as populações pré-históricas. Cabe ao estudioso, através do produto gráfico, decifrar as características culturais daquelas populações. Ao professor cabe discutir com os alunos a veracidade das interpretações que não são inventadas, mas baseadas em uma série de estudos e investigações que vão fundamentando o conhecimento sobre aquela realidade; caracterizando a função da leitura e da escrita, fundamental para explicar determinados episódios históricos; possibilitando a reflexão sobre a importância da autonomia coletiva e individual do aluno-cidadão-leitor, um desafio da democracia e da cidadania, que se desenvolve na escola, mas que ultrapassa seus muros.

É muito importante para a História poder contar com a arqueologia que nos lembra, a todo momento, do caráter provisório do conhecimento histórico, e de como ele é dinâmico. Do mesmo modo, as pesquisas e investigações são necessárias para mudarmos nossa compreensão da realidade em que vivemos. Quanto mais conhecemos nossa Pré-História ou período pré-colombiano, mais nos afastamos da visão eurocêntrica da História, o que é muito importante para a construção da nossa própria identidade e valorização do nosso patrimônio. Essa é uma experiência que poderia ser aproveitada por toda a rede de ensino do Estado de Goiás, na perspectiva de resgatar costumes e tradições, bem como de preservar o meio ambiente, a cultura do cerrado ou outros aspectos sociais e culturais do seu próprio município.

Cabe aqui destacar que a experiência estética é muito importante para a ampliação da nossa visão da realidade. Provavelmente a visão das construções rochosas com desenhos (arte rupestre) muitas vezes enigmáticos, deve ficar na memória afetiva dos alunos por muitos anos, povoando seu imaginário com muitas interpretações, criando um campo fértil para a reflexão histórica.

Não poderíamos deixar de registrar aqui que esse trabalho, além de promover a interação entre a comunidade de forma geral (local, estadual, nacional e internacional), desenvolve o aspecto cultural, ao resgatar e valorizar o patrimônio local; e também o pedagógico, ao possibilitar a integração entre as diversas disciplinas para estudo, leitura e produção de textos.



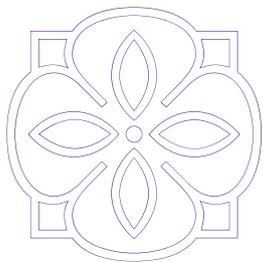


Além do caráter envolvente, essa aula diferenciada exigiu que os professores lançassem mão do maior número de recursos didáticos para apreensão do conteúdo estudado. Podemos perceber numa única experiência a variedade de recursos utilizados: livro didático, viagem exploratória, relato narrativo, gravação de vídeo, ilustração através de história em quadrinhos e imagens reproduzidas em pedra sabão. Tudo isso possibilitou as anotações e a análise dos dados coletados, no diálogo com colegas, professores, guia e pais; a construção de conhecimentos históricos, geográficos, artísticos, o reconhecimento da importância da preservação do patrimônio cultural.

A avaliação desse trabalho foi realizada de maneira contínua durante cada etapa: preparação, execução e comunicação, e mediada pelos educadores de História, Arte e Geografia, que levaram em consideração a participação, a construção e exposição de idéias no processo ensino-aprendizagem.

Hoje a escola que almejamos deve ser uma escola democrática e para todos. Ser um profissional da educação nessa escola significa acolher no seu interior todos os que lá se matricularem para aprimorar seus conhecimentos. Sendo assim, somos educadores de uma escola plural e precisamos encontrar caminhos para lidar com essa heterogeneidade. A escola contemporânea não pode mais se sustentar no tradicionalismo, na exclusão, na repetência, como estratégias de controle de qualidade.

Sabemos que o acesso à escola está garantido, no entanto o grande desafio dos educadores é o trabalho realizado na sala de aula para garantir a permanência e a aprendizagem dos alunos.



## CONSCIENTE EM SALA DE AULA

TEREZINHA SOUSA SANTIAGO<sup>1</sup>

O projeto “Consciente em Sala de Aula” foi desenvolvido na área de Inglês, com os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, do Colégio Estadual Povoado Bezerra, em Formosa-GO. Um dos motivos que impulsionou o desenvolvimento do projeto foi o fato de que crianças e adolescentes vivem em uma sociedade consumista que valoriza o tênis, a mochila, tudo de acordo com determinado padrão. Essa sociedade cria grifes que se transformam no sonho de consumo de milhões de jovens. Nada mais oportuno, portanto, do que levá-los a refletir na escola sobre o significado do consumo desenfreado, de suas conseqüências para o meio ambiente, da exploração de trabalho infantil e de mão-de-obra praticamente escrava em muitos países, cujos artigos são vendidos a preços muito baixos.

O consumo é tema transversal do currículo escolar. Consumir faz parte do cotidiano de todos. A escola tem papel fundamental de ensinar seus alunos, desde crianças, a consumir com consciência.

Os objetivos que pretendia alcançar com o projeto era o de ensinar os alunos a consumirem com consciência e mostrar as desvantagens de consumirem erroneamente já que as conseqüências podem ser muito graves para cada indivíduo, para a sociedade e até para o planeta. Os outros objetivos eram o de auxiliar os alunos a compreenderem o sentido, o significado e as conseqüências dos acontecimentos e correlacioná-los, tomando como base experiências vividas e textos lidos, reconhecendo no ato comunicativo a ideologia predominante nos enunciados lingüísticos e os vários elementos constituintes da situação discursiva, além de usar da intertextualidade no processo de construção do sentido do texto, assim como analisar a pertinência de uma informação do texto em função da estratégia argumentativa do autor.

Das habilidades desenvolvidas durante o projeto estão: a formação de espírito crítico, composição de texto e imagem e trabalho em equipe.

As estratégias utilizadas para o desenvolvimento do projeto são:

- Leitura expressiva e compreensiva para fazer o reconhecimento do texto e do sentido dos enunciados.
- Reprodução das informações oralmente no processo de leitura crítica e discussão do texto.
- Técnicas de merchandising.

<sup>1</sup> Professora do Colégio Estadual Povoado Bezerra.



- Contextualização e inter-relacionamento das informações com outras áreas do conhecimento.
- Destaque das visões de mundo ou as ideologias presentes em formações discursivas (orais e escritas).

Os recursos didáticos utilizados foram músicas e textos diversos em Língua Inglesa. Além do trabalho com a ampliação do vocabulário e desenvolvimento da pronúncia, os textos foram utilizados também para leituras críticas, debates e discussões. Essas atividades foram feitas em língua portuguesa para favorecer a participação dos alunos, visto que eles não dominam satisfatoriamente a oralidade da língua inglesa.

Das atividades desenvolvidas no projeto, a criação de um vocabulário ilustrado, em língua inglesa, após o trabalho com o texto “Coca-cola in 1919” (Coca-cola em 1919) foi uma das mais interessantes, e a leitura do mesmo possibilitou aos alunos conhecerem melhor o produto: como seu consumo atinge diferentes idades, classes sociais, culturas ou etnias e também a pontencialidade dessa empresa. Essa discussão propiciou o planejamento de uma visita a uma fábrica da Coca-cola em Formosa, onde os alunos puderam vivenciar as fases de produção e embalagem do produto.

A atividade posterior a essa visita foi a elaboração de uma pesquisa com o objetivo de verificar os produtos mais vendidos no comércio local. A referida pesquisa foi exposta através de gráficos e cartazes feitos pelos próprios alunos.

De todas as atividades desenvolvidas, uma das que considero ser mais significativa foi a discussão dos conceitos de consumo consciente. A aula foi iniciada com a dinâmica: trajetórias da vida apresentando vocabulary boxes; em seguida, perguntei a opinião dos alunos sobre o tema. Pedi para que cada aluno contasse sua experiência como consumidor: o que mais gostavam de consumir; o que pensavam antes de comprar um produto; onde costumavam fazer suas compras; por que compravam, com que frequência iam às compras.

Outra atividade bastante relevante para o desenvolvimento do projeto foi a avaliação de um produto e de sua propaganda. Escolhi um produto e discuti com a classe como deveria ser seu consumo consciente. Depois, avalei a propaganda do produto. Como é feita? É confiável ou parece ser enganosa? Que idéias transmitem para os consumidores?

A partir da discussão, os alunos puderam criar uma anti-propaganda do produto. Exemplo: se na propaganda original de determinado tênis aparece um atleta correndo na rua, todo sorridente e feliz, na anti-propaganda pode ser apresentada uma menina pobre correndo descalça, fugindo da fábrica que quer usá-la como mão-de-obra semi-escrava.

Para finalizar, cada grupo apresentou seu trabalho: um cartaz com uma anti-propaganda do produto escolhido. O professor e a classe comentaram cada trabalho.

Quase todas as atividades envolveram debate oral, trabalho em grupo e individual, construção de texto e imagem, pesquisa em revistas e jornais em língua inglesa e também em língua portuguesa. A avaliação foi feita observando a participação do desempenho do aluno nas aulas.

## E O LUGAR DA LÍNGUA INGLESA?

ROSANE ROCHA PESSOA<sup>1</sup>

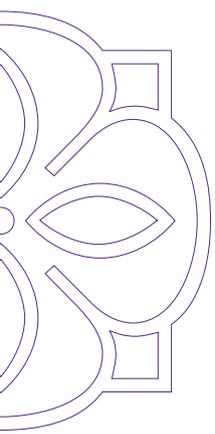
Antes de começar a apreciação do relato do Projeto Consciente em Sala de Aula, de Língua Inglesa, desenvolvido no Colégio Estadual Povoado Bezerra, pela professora Terezinha Sousa Santiago, em março de 2006, revisaremos duas concepções teóricas que acreditamos devem fundamentar o ensino de língua estrangeira. Uma é a visão sociointeracional de linguagem, fundamentada em Bakhtin, segundo a qual o engajamento no discurso leva à construção social do significado, ou seja, a produção de um enunciado pressupõe a existência do Outro, sendo, portanto, orientada socialmente. Nessa perspectiva, a palavra é o signo ideológico por excelência, pois é produto da interação social. A outra concepção é a visão sociointeracional da aprendizagem, fundamentada em Vygotsky, para quem os processos cognitivos se desenvolvem por meio da interação entre um aprendiz e um par mais competente. Ambas as concepções são situadas cultural e socialmente.

A nosso ver, essas são concepções que também pautam o ensino de língua materna, mas a diferença óbvia entre ensinar a língua materna e ensinar uma língua estrangeira é o uso desta última, ou seja, é produzir enunciados e construir sentidos na língua que estamos aprendendo. A situação ideal seria uma aula em que alunos e professor interagissem primordialmente na língua-alvo, falando, ouvindo, lendo e escrevendo. Sabendo da dificuldade de viabilizá-la, dados os impedimentos contextuais, embora acreditemos que é preciso tê-la como um objetivo a ser perseguido por professores de língua estrangeira de todos os contextos de ensino, resta-nos indagar o que é possível fazer seguindo as duas concepções teóricas mencionadas. É possível o desenvolvimento da leitura na língua-alvo, leitura entendida aqui não como decodificação do texto escrito em língua estrangeira, mas como construção e atribuição de sentidos a partir dos conhecimentos prévio, lingüístico, textual e sociocultural e da interação dos participantes do evento discursivo? Para tanto, os alunos devem desenvolver habilidades cognitivas de ordem superior, tais como a inferência, a analogia, a análise, a síntese etc. Em última instância, o aluno deve aprender a interpretar, ou seja, a buscar as diferentes versões dos fenômenos, suas origens e as forças que criaram tais versões.

Podemos dizer que o projeto da professora Terezinha orienta-se em parte por essas concepções, pois o tema – consumo – é atual e relevante para a formação de um aluno crítico e autocrítico, os objetivos e conceitos trabalhados são pertinentes, o projeto valoriza o conhecimento prévio dos alunos, adquirido não só nas “experiências vividas” mas também nos “textos lidos”, e as atividades são criativas. Além disso, a visão de linguagem e aprendizagem que subjaz ao projeto é sociointeracionista, e a leitura é entendida como prática social.

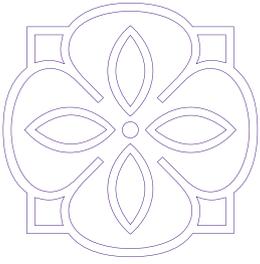
<sup>1</sup> Professora da área de Língua Inglesa da Faculdade de Letras/UFG, doutora em Estudos Lingüísticos, pela UFMG, e Consultora do Projeto de Reorientação Curricular/SEEG.





No entanto, uma ressalva que faríamos é que a língua inglesa deveria ser mais bem-explorada, pois, ao ler o projeto, temos a impressão de que os textos e as atividades em língua inglesa são elementos secundários em relação às outras tarefas realizadas. Com efeito, a leitura do projeto leva-nos a alguns questionamentos: Como foi o trabalho de leitura dos textos em língua inglesa? A organização dos textos foi discutida? Como foi abordado o conhecimento lingüístico? O projeto possibilitou que os alunos se tornassem mais competentes comunicativamente na língua inglesa?

Deste modo, concluímos fazendo duas perguntas não apenas para a autora do projeto, mas para todos os professores de língua inglesa da rede pública, já que na maioria das aulas desta disciplina predomina o uso da língua portuguesa: como adequar este projeto de forma a promover um maior uso da língua inglesa? E como vencer o desafio de desenvolver e afirmar, em sala de aula, o lugar da língua inglesa?



## TRABALHO COM PESQUISA – CAMINHO PARA A AMPLIAÇÃO DO CONHECIMENTO

ROSANE ROCHA PESSOA, ALCIONE LOPES DOMINGUES RODRIGUES,  
ELISABETE NEVES DE OLIVEIRA COSTA, HELENAIR IVANILDE  
REZENDE MACHADO, MARIA DAS GRAÇAS SILVA MORAES,  
NILVA SOUSA MACHADO DE REZENDE, RODRIGO ALVES CARVALHO,  
ZÁIRA OLIVEIRA RIBEIRO COSTA<sup>1</sup>

Foi pensando numa escola cada vez mais dinâmica, significativa e capaz de atender aos anseios dos seus educandos, desenvolver a leitura e a escrita, e ainda, combater o índice de evasão e repetência, metas da Reorientação Curricular, é que toda a equipe de professores, coordenadores e gestores do Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis, da cidade de Mineiros – Go, realiza todos os anos o projeto: “Gincana Cultural, Artística, Esportiva, com aprimoramento na leitura e na escrita.”

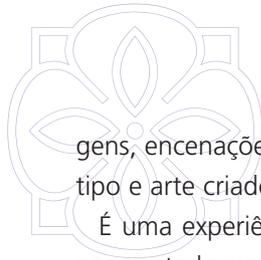
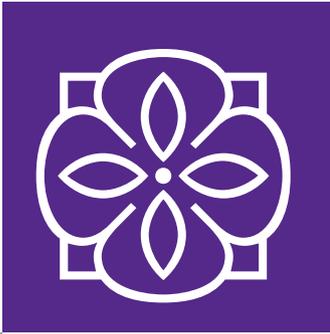
É um projeto que visa envolver a comunidade escolar de forma dinâmica e prática num trabalho multidisciplinar para o desenvolvimento de um determinado tema que desperte interesse e entusiasmo no educando para a cultura, a arte, o esporte e o aprimoramento da leitura e da escrita. Contribui também para a revelação de talentos nas diversas áreas. Tem como objetivos incentivar a construção de conhecimentos, despertar a criatividade artística, cultural e esportiva, incentivar a leitura também através da pesquisa e motivar para a produção escrita.

O projeto é elaborado pela direção da escola, coordenação e professores de Educação Física, e apresentado para os demais professores, alunos e outros segmentos da escola, ocasião em que se discute um tema a ser trabalhado e se acatam sugestões para desenvolvê-lo. Em seguida, as turmas são divididas em equipes e se encarregam dos subtemas propostos.

Os professores das áreas específicas desenvolvem, com os alunos, em períodos previamente estabelecidos, pesquisas relacionadas ao tema proposto. A partir da pesquisa, realizam-se os trabalhos: produção de textos em forma de poesia, produção de desenho artístico em forma de logotipo, ensaios para a apresentação cultural em forma de encenação, ensaios para apresentação de danças, dublagens, jogos envolvendo conhecimentos gerais e treinos das equipes esportivas.

O projeto é realizado no decorrer do ano, tendo como culminância uma semana de atividades culturais, artísticas, esportivas, tais como: *show* poético (com produção própria dos alunos), oficinas de desenho relacionado ao tema, danças, dubla-

<sup>1</sup> Professores do Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis. Contou ainda com o apoio dos professores de Educação Física, demais professores, direção, coordenação e alunos.



gens, encenações artísticas, desfile de miss e mister, desfile de camisetas com logotipo e arte criados pelos alunos, desfile da miss esporte, etc.

É uma experiência que já vem sendo realizada há vários anos nesta escola, tem apresentado resultados positivos e contribuído para atingir os seguintes objetivos:

- Desenvolver um trabalho dinâmico, participativo e multidisciplinar, que venha contribuir para a integração e socialização da comunidade escolar.
- Despertar o interesse pela cultura, arte, esporte.
- Contribuir para a diminuição da evasão e repetência escolar.
- Contribuir para uma educação mais eficaz e de melhor qualidade.
- Aprimorar a leitura e a escrita de maneira agradável.
- Propiciar o desenvolvimento de competências e habilidades do educando.

É o evento mais esperado pelo alunado. Por esse motivo, a cada ano, tem sido reformulado, ampliado e realizado com sucesso, devido aos bons resultados. Neste ano de 2006, o tema escolhido foi “Copas Brasil – o melhor futebol do mundo”, aproveitando o momento, e por ser o futebol o esporte mais apreciado pela maioria dos jovens e da população brasileira.

Na área de Língua Portuguesa desenvolvemos uma experiência com pesquisa, cujo objetivo era trabalhar a leitura e a escrita de forma mais atrativa. Foram envolvidos nessa experiência alunos do 6º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio, ou seja, toda a escola.

Iniciamos o trabalho com uma conversa informal sobre a gincana e o tema escolhido. Foi interessante, todos queriam participar, o assunto estava no auge, o futebol mexe com a emoção. Pedimos que trouxessem para a sala de aula reportagens sobre a participação do Brasil nas copas anteriores, as quais foram lidas e colocadas em discussão para maior interação sobre o tema.

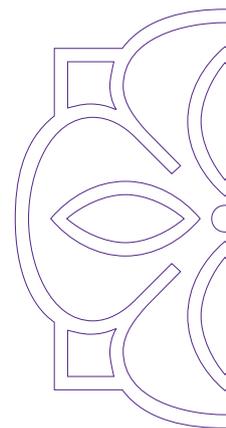
Depois de uma ampla discussão sobre o assunto, propusemos uma pesquisa em jornais, revistas, entrevistas com pessoas da cidade, laboratório de informática (Internet) para buscar mais informações, ampliar o leque de conhecimento e despertar o interesse.

Partimos então para o trabalho de produção de um texto poético sobre o tema. Nosso objetivo era que os alunos pudessem declamar no show poético - uma das atividades que acontece na programação da gincana - poesias ou poemas produzidos por eles mesmos e, assim, motivá-los para a produção escrita. Para o trabalho de produção, demos a liberdade ao aluno de realizá-lo individualmente, em duplas ou grupo. Também os deixamos livres para apresentarem os textos oralmente, caso quisessem. Depois de os textos passarem por uma apreciação, foi realizada a reescrita, oportunidade em que os próprios alunos puderam, com a orientação do professor, aprimorar seus textos.

A maior parte dos alunos do ensino fundamental preferiu produzir o texto em grupo. Foi sugerido por eles unir os textos dos grupos num texto coletivo. Escolheram então um coordenador de cada grupo para compor outro grupo, que elaborou o texto coletivo. Este depois foi apresentado para a apreciação da turma, chegan-

do-se ao texto final. Já no Ensino Médio as produções foram mais individuais e realizadas em duplas. O corpo de jurados achou difícil fazer a avaliação do “Show Poético”. Todos comentaram o bom nível dos textos e o fato dos próprios alunos terem produzido os textos trouxe à declamação mais alma e emoção.

Pretendemos continuar desenvolvendo esse trabalho, procurando ampliá-lo sempre de acordo com a realidade dos nossos educandos, visando desenvolver nestes competências para a “leitura e a escrita”, oportunizando-lhes a busca do conhecimento e desenvolvimento de habilidades de emitir comentários pessoais, opinar e refletir sobre os diversos assuntos do mundo que os cerca, contribuindo assim para torná-los cidadãos pensantes e críticos.



### CAMPEÃO PRA QUEM?

AGOSTINHO POTENCIANO DE SOUZA<sup>1</sup>

A vida escolar é rodeada de alguns monstros escondidos nos armários. Exames nacionais e internacionais de avaliação chegam nos assustando: o Brasil vai mal em leitura e escrita, também está doente em matemática. Já estamos com ouvidos meio cansados desses monstros e com a cabeça fervendo em culpa pelo fracasso que nos imputam. O mal-estar em relação à escola muitas vezes vem de pontos de vista econômicos – insistem que a educação seria a base para a solução da pobreza. Será? Alguma pesquisa chega a transferir a 'batata-quente' para a família e ainda calcula em 80% a culpa da família pelo fracasso dos estudantes, restando argumentos de que não serão melhores salários nem bons investimentos na escola, os responsáveis pelos outros 20%, que irão auxiliar a solução desses problemas (veja O Popular de 20/08/2006).

Nós, que vivemos nossos dias na escola, sabemos muito bem das carências, da família, da sociedade que nos cerca de perto e de longe. Sofremos a falta de condições para uma boa pedagogia na própria escola, a pacata abstenção e ausência de alguns, mas temos a solidariedade de muitos colegas e pais. Quem lê este caderno de reflexão e conhecimento sobre esta realidade nossa é daqueles que chama os monstros pra briga e quer agir junto na solução de nossos problemas – estamos trabalhando, de fato, para a escola ser um bom lugar, para nós e para os nossos alunos.

Os *projetos* surgiram como uma providência de solução de problemas. Como outros movimentos educacionais, nem sempre bem assimilados, correm o risco dos modismos, ou seja, surgem como novidade, caem em usos apressados, logo ficam descartados quando surgem críticas. O construtivismo, os projetos e, mais recentemente, o letramento, não deveriam ser 'ondas' que vêm e se vão sem nem as conhecermos direito. Cada uma dessas propostas educacionais merece estudo, discussão coletiva, aprofundamento e práticas de apropriação adequadas.

Neste Caderno, os relatos são indicadores de um esforço para dar qualidade à educação de nossos filhos. Será sempre difícil medir os resultados, pois os produtos da educação não amadurecem visivelmente. Sabemos, nessa ultrapassagem do conteudismo tradicional, que a formação dos alunos soma informações, conceitos, saber fazer, saber estudar, comportamentos e atitudes comprometidos com valores de cidadania. Isso tentamos verificar na vida que está acontecendo aqui e agora, mas o futuro desses nossos alunos escapa às medições. Ao reflexo dos fogos comemorativos do sucesso dos projetos, pensemos no que fica como valores reais para a vida deles.

Especificamente, quanto ao Projeto do Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis, relatado aqui, parece-me que o conceito de *projeto* tem resultado em uma proposta de trabalho muito produtiva. Há vários anos, todas as áreas, todos os participantes (direção, professores, alunos, pais

<sup>1</sup> Doutor em Análise do discurso pela UFMG/Professor titular de Didática e Prática de Ensino de Língua Portuguesa da UFG, e consultor do Projeto de Reorientação Curricular/SEEG.

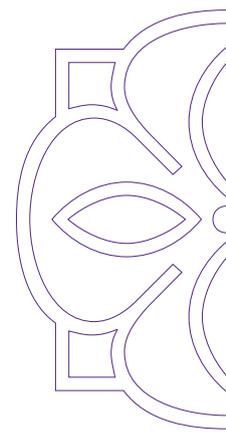
e pessoas da comunidade) empenham-se em fazer dessa escola um espaço de educação de qualidade. Esse é um ponto forte dos *projetos*: um trabalho em que todos estão envolvidos em todas as etapas. Não existe o *meu projeto*, mas o projeto de todos os participantes. Isso acontece quando alguém sugere um tema que é de fato algo que todos reconhecem como importante naquela hora (pode até ser um tema que chega de longe, como o 'Brasil-500 anos'), se reconhecem como agentes do trabalho proposto, assumem tarefas de modo consciente e executam com gosto o que foi planejado junto. Vê-se, então, que todos são convocados a uma atitude de inclusão, de participação coletiva – um dos valores mais importantes da construção da cidadania.

Um outro aspecto que merece destaque nesse projeto é a programação de atividades que pertencem ao ambiente cultural valorizado pelos alunos: gincana, jogos, danças, dublagem, camisetas e logotipo, desfiles, show poético e premiação. As práticas sociais que despertam o interesse deles são convocadas para o espaço da educação. Quem vivencia essas situações, com a ótica pedagógica, valoriza os aspectos de solidariedade, criatividade e formação, direciona a prática 'leiga' para uma 'ocasião educativa'. Ao realizar a inclusão de sugestões dos alunos e de acontecimentos que eles escolhem, o projeto passa a ser deles de modo expressivo. O poder da direção e dos professores é dividido com o poder dos alunos e, às vezes, com o poder de pessoas da comunidade. Concentração de poder não é qualidade de *projeto*.

A monotonia e o tédio de velhas salas de aula são substituídos por atividades de participação, de escrita e reescrita, tanto individual quanto em duplas e em grupos. Essa é uma das práticas construtivistas que não pode virar modismo: o trabalho dos pares em mútua ajuda melhorando o que produzem é o jeito humano que temos de nos firmar nos saberes, tornando-nos preparados, confiantes. É bom lembrar que essas práticas, de grupos e de reescrita, não estavam freqüentando a escola no tempo em que nós, professores, éramos alunos. Daí resulta que vamos aprender isso fazendo, iniciamos as práticas, observamos, lemos artigos sobre o tema, melhoramos nossa mediação, descobrimos que a aula é deles, são eles que estão no trabalho de aprender. Nós entendemos que nosso papel é o de dar condições para que eles aprendam – por isso, gastamos tempo em preparação, planejamento, cuidados na execução, zelo em envolver o aprendiz na ação de aprender. Diminuímos nossos discursos, nossas estereis horas longas de 'correção de redações' e buscamos estratégias mais produtivas, modos de eles agirem na busca do que eles mesmos entendem: preciso saber, preciso melhorar.

Como tudo na vida, o repetir gera monotonia, a qual, por sua vez, gera enfado. O projeto de Língua Portuguesa com o qual agora dialogamos, divide-se em etapas, em atividades variadas, em momentos de grandeza. Ora a apresentação para os colegas, ora a publicação em folhas que outros lêem, ora os ensaios de declamação, até que chega a hora solene de declamar perante um grande público – a seqüência tem um fator pedagógico progressivo, cada vez mais exigente. Fica perigoso realizar um percurso que cria um ou dois vencedores e muitos vencidos – daí o cuidado de valorizar o trabalho coletivo nas diversas etapas, a representatividade das torcidas solidárias.

Algumas corujas, girando seus olhos observadores, lá do pátio do CEDJAA, talvez estejam con-fabulando que isso tudo aí não é a finalidade da escola, que, no final os alunos vão fazer vestibular e os conteúdos não foram 'dados'. Em vez de ficarem entocadas, essas corujas deviam voar mais alto e observar que essas crianças ou adolescentes estão vivendo os belos anos de suas vidas,



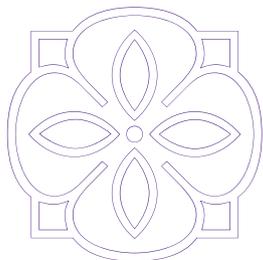


que a convivência com os colegas de escola torna-se uma memória de grande significado afetivo, que os conteúdos serão estudados na hora certa, o que precisa ser antecipado é o bom domínio da leitura e da escrita, o aprendizado de como se pode aprender lendo, escrevendo, trocando informações em grupos de estudo. Faltando isso, as aulas expositivas dos professores de ‘concursos’ pouco ajudarão na hora das provas futuras.

O Projeto ‘Copas Brasil’ buscou apoio na ‘gincana’ como modo de realização, escolheu um tema da hora, abriu o leque para a cultura, o esporte e a arte; acolheu todas as áreas, cada uma com sua peculiaridade, envolveu o colégio todo. É um grande projeto, já realizou outros temas, como a literatura infantil, a cultura local, a paz (na família, na escola, no trânsito e no esporte), o Brasil 500 anos. Neste ano, a área de Língua Portuguesa particularizou o incentivo à leitura e escrita no tema ‘Copas Brasil’. Para a execução do projeto, contou com pesquisa e criação de poesias. O resultado final, 15 poesias de 6<sup>as</sup>, 7<sup>as</sup> e 8<sup>as</sup> mostram informação e euforia geral – uma poesia, porém, destoa, põe-se do outro lado, vê de outra forma, numa retextualização criativa e crítica de uma canção conhecida “Que país é esse?” e inventa esses versos: “Campeão de quê/ Campeão pra quê? Campeão pra quem?” Os dias que se seguiram ao ‘show poético’ foram desastrosos para os sonhos das outras 14 poesias. Talvez, um sinal de buscar diálogo com o texto crítico da 8<sup>a</sup> D, de repensar sonhos dessa natureza. Novos textos, novas poesias poderão ser feitos em agosto e setembro, e quando vier a ‘apresentação poética no concurso literário realizado pela Academia Mineirense de Letras’, em outubro – uma boa idéia dos organizadores do projeto – a produção dos alunos não ficará anacrônica e, mais do que isso, receberá os benefícios da crítica apontada pelos colegas.

Outra questão importante: a escolha da poesia inclui uma necessidade de conteúdo específico da área, trazendo o estudo do gênero poesia, de um modo não só teórico (esse que se fixa nos conceitos e formas), mas também prático, contando com a leitura de poesias e o exercício de fazer poesias. Um aprendizado que leva o professor a favorecer o acesso a bons textos poéticos, variados, com os comentários dele e dos alunos sobre os temas, o modo de dizer, as formas, os versos, as figuras, as rimas e medidas. Da leitura origina-se o aprendizado implícito de como escrever poesias, exercício de uma habilidade de alto significado humano (e pouco econômico). A reescrita, então, vai além das questões ortográficas e gramaticais, pois procura o ritmo, a palavra criativa e expressiva.

A seqüência gradativa de atividades: ler poesias, escrever poesias, apresentar aos colegas, ouvir comentários e sugestões, reescrever, apresentar para a turma, ensaiar, tentar modos interessantes de declamação (quem sabe um ritmo tradicional, ou de narração de rodeio, ou de rap) depois dar um ‘show poético’ para uma platéia maior, tornar as poesias um chamado pelos corredores, talvez até publicar em jornais, tudo isso mostra que o movimento desencadeado por um bom projeto vai além das idéias iniciais e reforça a alternativa educacional de continuar a trabalhar com projetos. Uma contribuição significativa para o próximo é ouvir a auto-avaliação dos alunos, os ganhos e as sugestões do que pode ser melhorado. Um modo de dar respostas à questão: Campeão para quem?



## UM PASSEIO PELA FESTA DE TRINDADE ATRAVÉS DA MATEMÁTICA

JUCINEIDE PEREIRA<sup>1</sup>

O projeto foi desenvolvido na Escola Estadual Sol Dourado com os alunos da 8ª série “A” do turno matutino, e apresentado na I Mostra Cultural da escola, quando os professores das demais disciplinas também apresentaram - cada um na sua área - os trabalhos realizados com os alunos.

Foi realizado com o objetivo de desenvolver o interesse dos alunos pela matemática, por meio de um trabalho contextualizado e significativo que os auxiliasse na solução de problemas cotidianos.

A proposta era trabalhar a Matemática envolvendo uma prática cultural bastante valorizada na cidade – a Festa do Divino Pai Eterno, realizada todos os anos.

O problema em questão foi assim definido: quanto a igreja e a prefeitura arrecadam durante 9 dias da festa e qual o destino deste dinheiro?

Inicialmente os alunos entrevistaram pessoas idosas (avós, vizinhos) para investigar a representação que tinham sobre a questão financeira envolvida na festa como por exemplo: a arrecadação da festa é boa? Dá lucro ou prejuízo?

As principais informações coletadas foram as seguintes:

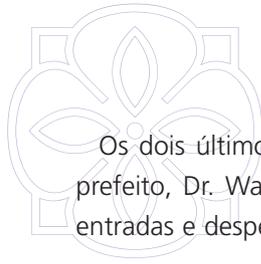
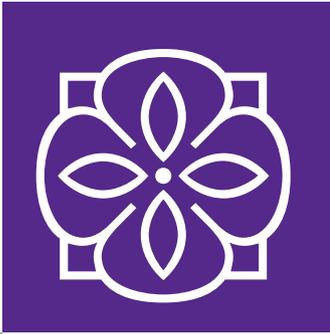
- Os lotes alugados da prefeitura são muito caros.
- Na maioria das vezes as pessoas que alugam terrenos têm prejuízos.
- A igreja gasta mais do que arrecada.
- Tudo o que é vendido na cidade no período de realização da festa tem seus preços aumentados.
- Nesse período, também são cobrados dos moradores valores maiores pelo consumo de água e energia elétrica.

Estas informações geraram um debate acalorado entre os alunos que se mobilizaram para sair em busca de novas informações. Para isso organizaram-se em cinco grupos, de oito componentes cada: dois grupos iriam conferir a veracidade dos dados na prefeitura, dois procurariam a igreja e um seria o “grupo de apoio”, que era composto por seis componentes.

Certamente, nesse processo os alunos iriam conseguir muitas novas informações que iriam ampliar sua compreensão do problema.

Os dois primeiros grupos marcaram entrevistas com o padre Robson, reitor do Santuário do Divino Pai Eterno, e padre Domingues, que lhes forneceram dados significativos para o trabalho.

<sup>1</sup> Professora da Escola Estadual Sol Dourado.



Os dois últimos grupos foram à prefeitura. Foram atendidos pelo assistente do prefeito, Dr. Wagner, que lhes forneceu uma ata (cópia) que explicitava todas as entradas e despesas do município com a festa.

#### **Quanto aos romeiros**

- 80% dos romeiros pertencem à classe baixa e economizam o ano inteiro para participarem da festa.
- A cidade também recebe, nessa ocasião, mendigos romeiros.
- A quantidade de romeiros cresce em média 10% a cada ano.
- No período da festa de 2006 foram recebidos aproximadamente um milhão de romeiros.

#### **Quanto ao trabalho voluntário/doadores**

- Na festa de 2006, 83 pessoas cuidaram da manutenção e funcionamento dos ventiladores.
- 266 pessoas se responsabilizaram pela limpeza e manutenção dos bancos da igreja.
- 2188 pessoas de outras localidades ofereceram doações em dinheiro.
- 250 pessoas doaram produtos diversos para a “caixa de oferta”.
- São mais de 600 pessoas trabalhando diretamente e cerca de 200 pessoas, indiretamente. Metade dessas pessoas é remunerada.

#### **Quanto ao destino da arrecadação**

- Distribuem-se mais de 1000 marmitex para mendigos.
- A igreja mantém uma creche com mais de 300 crianças.
- A arrecadação de um dia da festa é destinada à Vila São Cotolengo: cerca de R\$ 90.000,00 (noventa mil reais) em alimentos arrecadados e aproximadamente R\$ 30.000,00 (trinta mil reais) em dinheiro.

#### **Quanto ao número de lotes alugados**

- A prefeitura aluga 2.000 lotes.

#### **Quanto ao valor dos aluguéis**

- Avenida – tamanho: 3,00m x 5,50m, de R\$ 250,00 (duzentos e cinquenta reais) a R\$ 480,00 (quatrocentos e oitenta reais).
- Praça da prefeitura - tamanho: 2,00m x 1,50m e 4,00m x 8,00m, de R\$ 300,00 (trezentos reais) a R\$ 1.200,00 (um mil e duzentos reais).

#### **Quanto ao lucro ou prejuízo da festa**

- A igreja não tem prejuízos com a festa, porém tem prejuízos com o vandalismo.
- A festa não gera lucros para a prefeitura, pois gasta-se muito com saneamento básico e infra-estrutura.

## Quanto à Basílica

Os dois grupos responsáveis pelas entrevistas na igreja entrevistaram também os engenheiros que trabalharam na construção da Basílica. Estes lhes informaram que a arquitetura do santuário foi desenhada a partir de várias formas geométricas: triângulos, trapézios, circunferências etc. A igreja possui o formato de uma cruz e uma cúpula no alto com uma altura aproximada de 22 metros da base até o ponto mais alto.

A partir dessas informações, em sala os alunos resolveram problemas envolvendo medidas, porcentagens, proporções, gráficos e outros.

*Exemplos de problemas desenvolvidos pelos alunos:*

1. Se em 2006 um milhão de romeiros visitaram a Basílica e a cada ano esse número cresce 10% quantos romeiros visitarão a Basílica em 2014?
2. Em cada missa participam em torno de 20 mil pessoas. Havendo 4 missas por dia e em cada uma delas cada pessoa doar R\$ 0,50, quanto a igreja irá arrecadar no final dos 9 dias de festa?
3. A praça da Basílica possui 100 mil  $m^2$ . Em uma missa campal há 500 mil pessoas. Quantas pessoas ocupam cada  $m^2$ ?
4. Sabendo que o diâmetro da cúpula da Basílica mede 12m, qual é o comprimento de sua circunferência?

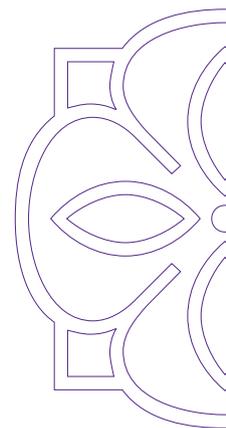
Após a resolução desses problemas, os alunos levantaram gráficos de barra que foram expostos na I Mostra Pedagógica da escola.

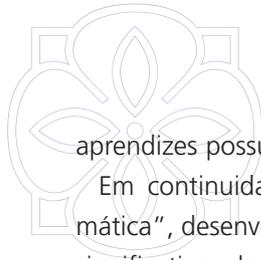
Um de nossos alunos não se envolveu no trabalho, em nenhum dos grupos. Como tem habilidade para as artes visuais, ficou definido que ele desenharia a Igreja Matriz, o Santuário, a Vila São Cotolengo e a praça da Prefeitura, para enriquecer o trabalho. Esse mesmo aluno fez também os cálculos que envolviam porcentagem, pois era um assunto que ele dominava bem.

Apresentamos o nosso trabalho na I Mostra Cultural da escola. Confeccionamos lembrancinhas e o caderno de visitantes (que somou ao final da mostra 182 assinaturas). Era responsabilidade do grupo de apoio explicar para os visitantes os cartazes ali expostos.

Finalmente, refletindo sobre nossa experiência chegamos à conclusão de que os alunos possuem potencial e responsabilidade para desempenhar atividades como essas. Não tivemos problemas em nenhum estágio do trabalho, os resultados obtidos foram satisfatórios em todos os aspectos. Além de ampliarmos os conhecimentos matemáticos (análise e confecção de gráficos, cálculos de porcentagens), ampliamos também conhecimentos culturais em relação à nossa cidade (por exemplo, dados da construção da igreja, programas sociais em que a igreja e a prefeitura estão envolvidas).

Também vale destacar que nossos jovens não são alunos e sim aprendizes, pois em latim “aluno” quer dizer “sem luz”, e com o trabalho pude descobrir que meus





aprendizes possuem luz capaz de irradiar todos que os rodeiam.

Em continuidade ao nosso “Passeio pela Festa de Trindade através da Matemática”, desenvolveremos o projeto “Pós-Festa”: apresentaremos números e dados significativos de pessoas que passaram pela cidade - dentre elas romeiros e mendigos -, o que foi gasto em alimentos pela igreja e em saneamento pela prefeitura; processaremos o número de atendimentos hospitalares feitos pelos bombeiros e enfermeiras. Realizaremos também a difícil tarefa de comparar a festa desse ano com as dos outros anos, fazendo levantamentos e gráficos segundo a sistemática do projeto anterior. As atividades serão realizadas em parceria com a professora de Arte, com o objetivo de desenvolver um trabalho com os monumentos históricos de Trindade através da geometria.

Um outro desafio a que nos propomos é o de socializar os dados já organizados e as primeiras conclusões a que chegaram os alunos com os representantes da igreja, da prefeitura e das pessoas idosas que foram entrevistadas. Dessa forma podemos contribuir para que a festa, além de gerar renda a algumas pessoas, possa também gerar renda para os projetos sociais da cidade.

A experiência com o “Passeio pela festa de Trindade através da Matemática” trouxe resultados significativos na aprendizagem e no desempenho dos alunos, no seu interesse pela Matemática. Estimulou-os a realizar outras atividades em que eles participem ativamente e que os instiguem à resolução de problemas, incentivou-os a dar continuidade ao projeto nos anos vindouros.

## ASSIM COMO ERA NO PRINCÍPIO

NILTON CEZAR FERREIRA<sup>1</sup>

O projeto intitulado “*Um Passeio pela festa de Trindade através da Matemática*”, levou-me a algumas indagações e até mesmo a uma suspeita sobre a conduta dessa ciência em um ambiente tão peculiar. Comecei a ler, analisar, comentar e discutir, não apenas com os autores, mas com o próprio relato, e não somente com este relato, mas com todas as experiências que buscam meios eficientes para tornar a Matemática mais atrativa.

Vejo a preocupação da professora em levar aos alunos, ou aprendizes, como ela prefere dizer, uma cultura popular tão presente e que muitas vezes passa despercebida. Vejo também a participação da família, comunidade e a inserção dos valores locais ajudando a fortalecer a grande fonte que rege a aprendizagem, denominada *motivação*.

O trabalho em grupo como estratégia é uma boa opção, pois isso gera compartilhamento de informações, troca de conhecimento, além de contribuir para a formação da cidadania. Assim os alunos aprenderam a conviver socialmente, respeitando as diferenças, tanto na forma de agir como na forma de pensar.

O relato não deixa claro se houve uma socialização dos trabalhos desenvolvidos, isto é, se as atividades desenvolvidas por cada grupo foram apresentadas e discutidas com todos os membros da equipe. Isso é importante para que o conhecimento não fique restrito apenas aos membros de cada grupo, mas que possa ser compartilhado para gerar uma maior aprendizagem.

Com relação a esse aspecto, vale ressaltar também que os cálculos devem ter a participação de todos os alunos; se não forem refeitos, por cada um dos integrantes que pelo menos sejam analisados e entendidos por todos.

Apesar da riqueza do trabalho não consegui encontrar respostas para algumas das minhas indagações, refiro-me à especificidade da área.

O objetivo do ensino de Matemática e, principalmente, o objeto de estudo dessa área não se apresentam com clareza, no relato. São ítems importantes da concepção da área que vem sendo debatida pelos professores da rede pública do Estado, professores universitários, profissionais do CENPEC e equipe da SUEF (ver *Matemática: é preciso ler, escrever e se envolver, Caderno 3*), e que devem, portanto, ser explorados nas experiências matemáticas. Assim, seria importante relatar como foram trabalhados os números apresentados, os tipos de gráficos que foram produzidos e que análise foi feita desses elementos. Ou seja, uma descrição mais detalhada dos problemas construídos, da busca dos métodos de resolução deles, das soluções encontradas e finalmente dos conceitos matemáticos envolvidos, uma relação entre teoria e prática.

<sup>1</sup> Professor Assistente I do Departamento de Matemática e Física / UCG. Mestre em Matemática pela UFG e consultor do Projeto Reorientação Curricular/SEEGO.





De qualquer forma, acredito que a atitude de se promover experiências como essa, com seriedade, competência e dedicação, sempre trazem resultados satisfatórios.

Com uma análise mais detalhada podemos observar, nessa experiência, uma inversão no processo metodológico. Em geral, ensinamos um conceito matemático, em seguida propomos um problema e avaliamos se o aluno aprendeu a utilizar tal conceito para a resolução de problemas do tipo proposto. Em experiências, como a desenvolvida pela professora Jucineide Pereira, faz-se um planejamento das ações e durante a execução delas os problemas surgem, ou são elaborados, e a partir daí começa o processo de busca dos resultados, usando-se os conceitos conhecidos como ferramenta para a resolução de tais problemas.

A evolução da Matemática deu-se nessa ordem, ou seja, a criação dos conceitos era motivada por problemas práticos existentes, ou mesmo por problemas teóricos elaborados por grandes pensadores. Uma viagem pela *história da Matemática* revela-nos que essa prática começou na era babilônica em aproximadamente 3500 a.C. e ainda hoje se produz Matemática assim.

O ensino de Matemática não deve se basear em compreender e aplicar as teorias existentes sem a preocupação de justificar os conceitos abordados. Quando falo em justificativa não estou me referindo a uma comprovação da veracidade das afirmações através de uma demonstração formal, estou simplesmente falando da necessidade de indagações sobre a origem dos conceitos tratados e dos elementos motivadores de sua criação. É mais cômodo para nós educadores impor os conceitos e exigir que eles sejam reproduzidos para se chegar ao resultado de um problema. No entanto, agindo dessa forma não estamos exigindo que nossos alunos sejam pensadores, somente que conheçam as técnicas adequadas para a reprodução do processo.

A busca por um ensino de qualidade vem convencendo os educadores de que os problemas, como nos primórdios, devem ser o ponto de partida para a introdução dos conceitos, assim a investigação fica livre de qualquer conceito pré-estabelecido. É por isso que defendemos a concepção de que é preciso valorizar o conhecimento do aluno e sua forma de raciocinar, sem tentar impor-lhe uma outra visão de mundo, ou outra forma de pensar mas sim, ampliar sua compreensão de mundo e forma de pensar.

Assim, as práticas pedagógicas que utilizam os princípios descritos, devem ser incentivadas e os educadores que têm um real compromisso com a educação precisam discutir, defender e implantar na sua escola projetos como esse, com equipes motivadas, objetivos bem definidos, cronograma estabelecido e efetiva participação de todos.

É certo que nem todos os conteúdos de matemática podem ser abordados dessa forma, porém experiências como estas são muito importantes de serem elaboradas em diversos momentos do ano letivo, pois é preciso sempre buscar formas de instigar e mobilizar os alunos para uma efetiva compreensão dos conceitos matemáticos.

Assim, uma ciência de mais de cinco mil anos dá-nos lições. Apesar da sua grandiosidade gerada por tamanha evolução, a chave para a propagação desse conhecimento ainda pode estar no princípio.



**GOIÂNIA, 2006**



SEE  
SECRETARIA DE ESTADO  
DA EDUCAÇÃO

